

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DA HISTÓRIA  
CURSO HISTÓRIA

Maycon Andrigo Santiago

**Trajetória de Dona Alcina:** lavadeira da Bica da Carioca de São José

Florianópolis

2022

Maycon Andriago Santiago

**Trajetória de Dona Alcina:** lavadeira da Bica da Carioca de São José

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel/Licenciado em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Cristina Scheibe Wolff, Dra.

Florianópolis

2022

### Ficha de identificação da obra

Santiago, Maycon Andrigo

Trajetória de Dona Alcina : lavadeira da Bica da Carioca de São José / Maycon Andrigo Santiago ; orientador, Cristina Scheibe Wolff, 2022.  
69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. História oral. 3. Lavadeiras. 4. Mulheres negras. 5. São José (Município). I. Wolff, Cristina Scheibe. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



## ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezessete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e dois, às dezenove horas, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Cristina Scheibe Wolff, Orientadora e Presidente, pelo Professor Lucas Santos, Titular da Banca, e pela Professora Janine Gomes da Silva, Suplente, designados pela Portaria nº 09/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Maycon Andrigo Santiago**, subordinado ao título: **“A trajetória de dona Alcina: Lavadeira da Bica da Carioca de São José (meados do século XX)”**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Cristina Scheibe Wolff, a nota final 9,5, do Professor Lucas Santos, a nota final 9,5, e da Professora Janine Gomes da Silva, a nota final .-; sendo aprovado com a nota final 9,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia vinte e quatro de março de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 17 de março de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.a Cristina Scheibe Wolff



Documento assinado digitalmente

Cristina Scheibe Wolff

Data: 18/03/2022 09:57:35-0300

CPF: 777.459.309-87

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Lucas Santos

Prof. Lucas Santos

Prof.a Janine Gomes da Silva

Candidato Maycon Andrigo Santiago



Documento assinado digitalmente

Maycon Andrigo Santiago

Data: 20/03/2022 21:05:58-0300

CPF: 932.285.119-87

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Maycon Andrigo Santiago, matrícula n.º 17203227, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Trajetória de Dona Alcina: lavadeira da Bica da Carioca de São José, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 23 de março de 2022.



Documento assinado digitalmente  
Cristina Scheibe Wolff  
Data: 23/03/2022 16:38:32-0300  
CPF: 777.459.309-87  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Cristina Scheibe Wolff

Orientador(a)

## AGRADECIMENTOS

Nunca imaginei que o ingresso no curso de História, da Universidade Federal de Santa Catarina, iria mudar tanto a minha vida. O que eu entendo por universo, minha compreensão do mundo, o quanto minha ancestralidade é valiosa e o quanto eu sou importante como pessoa por carregar isso em mim. Por isso, agradeço a todos e todas que contribuíram para essa experiência.

À Universidade Federal de Santa Catarina, ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, ao Departamento de História e a todos os professores e professoras responsáveis pela manutenção do curso de história e por manter o ensino público e de qualidade.

À minha família. Minhas avós Dina e Eli, que ajudaram em minha criação. À minha mãe, Dona Nívia, que é uma mulher espetacular, umbandista e babalorixá, por ter me ensinado a valorizar minha origem negra e por ter feito de tudo para oferecer uma boa educação aos meus irmãos e a mim. À minha irmã Aliny, uma mulher negra que é fonte de inspiração, pois foi a primeira da família a se formar em um curso superior e motivo de muito orgulho para todos nós. E, em especial, a minha esposa e aos meus filhos por toda a compreensão e apoio.

Aos meus queridos colegas de curso, que dividiram a caminhada de estudos, pelas conversas, trabalhos em grupo e importantes aprendizados que compartilhamos.

Ao professor, artista, político e amigo Adriano de Brito, por me apresentar e permitir conhecer a Dona Alcina.

À professora Cristina Scheibe Wolff, que realizou a orientação deste trabalho, por sua disposição, confiança e compreensão.

Aos membros da banca pelo aceite e disposição para leitura deste trabalho.

À Fundação Municipal de Cultura e Turismo de São José (FMCT-SJ) e ao Arquivo Histórico Municipal de São José (AHMSJ) pela manutenção do importante acervo documental. Ao funcionário da FMCT, Márcio Gonzaga, responsável por me apresentar à Dona Alcina e acompanhar a realização da primeira entrevista.

À Sandra Mara da Conceição Anacleto, filha de Dona Alcina, que me recebeu de braços abertos em sua casa, se disponibilizou a contar parte de sua história e me concedeu uma entrevista.

E, de modo especial, à Alcina Júlia da Conceição (in memoriam), personagem principal deste trabalho, por ter confiado e compartilhado a sua história comigo. Assim como por todos os esforços realizados ao longo de sua vida, que servem de exemplo e referência para mim.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por finalidade evidenciar a trajetória de Alcina Júlia da Conceição, popularmente conhecida como Dona Alcina, mulher negra moradora do município de São José (Santa Catarina), tendo como foco principal a realização do ofício de lavagem de roupas, que exerceu em meados do século XX, numa fonte de água pública, chamada de Bica da Carioca, um espaço da memória da população afrodescendente da cidade. Com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da História Oral, foram realizadas entrevistas com Dona Alcina e Sandra Mara da Conceição Anacleto, sua filha, analisados e problematizados os depoimentos. Também foi objeto de estudo deste trabalho o depoimento de Alcina que integra o Banco de História Oral, do Arquivo Histórico Municipal de São José. Por meio da trajetória de Dona Alcina é possível vislumbrar aspectos do cotidiano e do trabalho realizado pelas mulheres negras em São José, ao longo do século XX, e sua importante contribuição para a história, economia e cultura local.

**Palavras-chave:** História Oral; Lavadeiras; Mulheres Negras; Bica da Carioca; São José (Município).

## ABSTRACT

This work aims to highlight the trajectory of Alcina Júlia da Conceição, popularly known as Dona Alcina, a black woman who lives in the municipality of São José (Santa Catarina), with the main focus on her craft of washing clothes, who exercised in the mid-twentieth century, in a public water source, called Bica da Carioca, spaces of memory to the Afro-descendant population of the city. Based on the theoretical and methodological assumptions of Oral History, interviews were done with Dona Alcina and Sandra Mara da Conceição Anacleto, her daughter, and the testimonies were analyzed and problematized. It was also the object of study of this work the testimony of Alcina that integrates the Oral History Bank, from the Municipal Historical Archive of São José, throughout the 20th century, and its important contribution to the history, economy and local culture.

**Keywords:** Oral History; Washers; Black Women; Beak of Carioca; San José (Municipality).



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Monumento em homenagem aos 200 anos da imigração açoriana .....	19
Figura 2 - Brasão do município de São José .....	20
Figura 3 - Bica da Carioca em processo de revitalização, em 2018.....	21
Figura 4 - Dona Alcina em entrevista para Maycon Santiago em 2021.....	24
Figura 5 – Clube 1º de Junho em São José.....	24
Figura 6 - Praça-Centro Histórico de São José.....	35
Figura 7 - Dona Alcina, no município de Palhoça no apartamento de sua filha Sandra, 27 de novembro de 2021 .....	39
Figura 8 - Sandra, filha de dona Alcina em seu apartamento no município de Palhoça .....	42

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CASAN Companhia Catarinense de Águas e Saneamento

FRBL Fundo para Recuperação de Bens

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>FORMAÇÃO DE UMA LAVADEIRA .....</b>	<b>15</b>
2.1	SÃO JOSÉ E A BICA DA CARIOCA .....	17
2.2	A TRAJETÓRIA DE VIDA DE D. ALCINA .....	22
<b>3</b>	<b>TRABALHO, SOCIABILIDADE E MEMÓRIAS .....</b>	<b>35</b>
3.1	O TRABALHO DE LAVADEIRA, A SOCIABILIDADE NA BICA, A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA.....	39
3.2	UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL SOBRE A HISTÓRIA DE D. ALCINA	42
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>
	<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA 1 .....</b>	<b>53</b>
	<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA 2.....</b>	<b>62</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo evidenciar a trajetória de uma mulher afrodescendente que exerceu o ofício de lavadeira em São José, Santa Catarina, ao longo do século XX. Escrevo sobre o início do século XX, visto que os estudos sobre essas mulheres neste espaço e recorte temporal visa contribuir com o enriquecimento do campo, os principais trabalhos historiográficos que enfocam as mulheres negras tendem para análise do século XIX. O Brasil do século XX, apesar de não ter mais a escravidão como regime de trabalho legal, foi marcado pelas heranças culturais e econômicas desse regime. Ainda hoje, essas heranças marcam nossa sociedade, através do racismo estrutural, que se articula com o machismo e as estruturas de classe (AKOTIRENE, 2018).

Entre as obras que tematizaram a história de mulheres negras, destacam-se: *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*, de Maria Odila Leite da Silva Dias, que aborda as relações sociais e estratégias de mulheres que desempenhavam atividades para a manutenção de suas sobrevivências. (DIAS, 1995) Também, a obra de Miriam Moreira Leite, *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*, que organiza e analisa cartas de viajantes que descrevem as mulheres, seus ofícios e tarefas diárias na capital do Império Brasileiro. Sob a abordagem das redes de sociabilidade de africanos e afro-brasileiros, o ofício de lavadeira também foi abordado por Paulino de Jesus Cardoso, na obra *Negros em Desterro: experiências de populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX*, em que as lavadeiras circulavam pelas principais ruas do espaço urbano da Ilha de Santa Catarina (CARDOSO, 2008). Também sob as perspectivas das relações sociais, Janaina Amorim da Silva, em *Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José na pós-abolição*, aborda o ofício das lavadeiras como uma tarefa doméstica comum no cotidiano de diversas mulheres afrodescendentes (SILVA, 2011). Também será abordada a luta histórica das mulheres negras e mulheres pobres por sua sobrevivência, como estudo realizado por Joana Maria Pedro, em *Mulheres honestas mulheres honestas e mulheres faladas: Uma questão de Classe*, que aborda como era o dia a dia de mulheres dos bairros pobres da antiga Desterro.

O recorte espacial da pesquisa é o município de São José, situado no litoral do Estado de Santa Catarina, região sul do Brasil, no qual nossa protagonista nasceu e viveu. A cidade de São José teve seu processo de urbanização<sup>1</sup> marcado pela chegada de grupos imigrantes,

---

<sup>1</sup> A região foi ocupada, anteriormente, por grupos indígenas da tradição Sambaqui e Guarani.

oriundos da região dos Açores, em meados do século XVIII. A estrutura da cidade se formou e modificou ao longo do tempo, marcada pelas ações do cotidiano. Homens e mulheres que viveram e percorreram as ruas da cidade, frequentando bailes, preparando festividades religiosas, celebrando sua fé, trabalharam, enfim, deram-lhe movimento.

O local onde era desenvolvido o ofício de lavagem de roupas, que marcava o cotidiano da cidade, sua estrutura, assim como a memória do município entre os séculos XIX e XX, ocorria junto às fontes de água pública. Uma tarefa executada por mulheres escravizadas, a mando de seus senhores, e por mulheres pobres livres, que dividiam espaço no entorno da corrente de água. Lugar que conheci quando criança<sup>2</sup> e que muito me chamava a atenção, na época com oito anos de idade, já tinha o conhecimento que o lugar no passado servia para lavagem de roupas, outras crianças e eu chamávamos de “lavadeiras”. Meu irmão e eu estudávamos no Colégio Francisco Tolentino, bem próximo da Bica da Carioca. Após as aulas, passávamos sempre por lá, pois era caminho para nossa casa. Às vezes meu pai, que trabalhava na região do Centro Histórico, nos levava para casa quando podia. Passei grande parte da minha infância brincando entre vários lugares no Centro Histórico de São José; entre os casarões abandonados, nos arredores das praças, porque morávamos num bairro vizinho, chamado Forquilha.

De todos os lugares do Centro Histórico de São José, o que mais aguçava minha curiosidade era a Bica da Carioca, as "lavadeiras" como chamávamos. Hoje reconheço que, na época, já tinha o conhecimento do assunto escravidão, quando se é de origem afro-brasileira e se tem os pais também afrodescendentes, desde muito novo aprendemos sobre escravidão e racismo. Adeptos da religião de matriz africana, com músicas e histórias, aprendemos muito sobre nossos antepassados escravizados. Uma entidade bem conhecida nos terreiros de umbanda é a do preto velho, que são negros e negras escravizados, que com os soar dos atabaques e com os cantos da religião, eles voltam para ajudar as pessoas.

Essa curiosidade em relação à Bica da Carioca sempre esteve dentro de mim, e hoje como estudante de história, reconheço que há muito pouco sobre a história das pessoas que lá trabalharam. São gerações de mulheres escravizadas, libertas e livres, que com o passar dos tempos exerceram o ofício de lavadeira. Na época que conheci, o lugar estava abandonado: o mato tomava conta do entorno da Bica, a água só dava para tirar a poeira dos pés, não servia para lavar roupas e muito menos para o consumo. Estava no meu imaginário pensar como seria a vida das pessoas que ali trabalharam, não tinha conhecimento de como era o funcionamento

---

<sup>2</sup> O ano em questão é 1988.

da Bica da Carioca, nada era falado sobre o assunto, assim como as histórias dos negros e negras que lá viveram e trabalharam.

Conhecer e fazer ser conhecida a história de Dona Alcina, é uma contribuição para as pessoas que, assim como eu, não têm conhecimento da participação dessas mulheres negras e pobres que fizeram parte da história de São José. Dar visibilidade a essas mulheres, em especial a Dona Alcina, é ver a história, de outra forma, mostrar que outras pessoas participaram da construção e desenvolvimento da cidade, além de ser um elemento de representatividade negra e feminina, algo que ainda pouco abordado na historiografia.

Conheci um pouco sobre Dona Alcina<sup>3</sup> através de uma dissertação de mestrado de Janaina Amorim da Silva, que um amigo me apresentou. Em uma conversa com um ex-vereador e também amigo, Adriano de Brito, este me falou ser muito conhecido de Dona Alcina, a qual chamava de “vó” Alcina. Com interesse pelo tema e pela história de Alcina, logo pensei: está aí meu trabalho de conclusão de curso!

Para a realização deste trabalho, analisei inicialmente o depoimento de Alcina pertencente ao Banco de História Oral, do Arquivo Histórico de São José. Após, elaborei um roteiro semiestruturado para realizar uma entrevista com Alcina Júlia da Conceição. A entrevista ocorreu no mesmo dia em que a conheci pessoalmente e me apresentei. Aproveitei para ouvir tudo o que Alcina tinha para me dizer, junto da realização das perguntas definidas. Após esse primeiro contato, retornei para realizar outra conversa, com o objetivo de retomar alguns questionamentos. No entanto, a conversa acabou sendo realizada com a filha de Alcina, Sandra Mara da Conceição Anacleto. As entrevistas seguiram os procedimentos da história oral, que pode ser entendida uma técnica. E as entrevistas são mais sobre o trabalho que as memórias fazem do que propriamente elas dizem, pois as entrevistas são variáveis e a memória sofre com reelaborações e determinações sociais (HALL, 1992).

O sociólogo Pierre Bourdieu afirma que faz parte do senso comum pressupor que a vida é uma história e que pode ser contada em etapas, com fim e propósito. Seguir por esse caminho, entretanto, “talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (BOURDIEU, 2006, p. 185). Segundo o autor, o ser social e suas manifestações vão além de uma história. Desse modo, o sociólogo francês apresenta uma crítica a forma de narrar biografias e experiências de vida. Ainda, defende que as experiências de vida devam ser abordadas pelo

---

<sup>3</sup> Dona Alcina faleceu ainda da construção desse trabalho no dia 10 de fevereiro 2021.

campo da sociologia. Todavia, acreditamos que o aporte teórico e metodológico mobilizados pela História Oral permite escrevermos parte desta trajetória.

Atualmente, a História Oral figura em diferentes espaços da historiografia, pois: “hoje ela integra currículos e experiências de muitas comunidades e grupos sociais”. (AMADO; FERREIRA, 2006, p.17). A partir das novas perspectivas e abordagens históricas, é possível compreender que por meio da oralidade e do compartilhamento de memórias é possível contribuir com o campo da história social. Segundo Alessandro Portelli, “como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”)” (PORTELLI, 2006, p. 127).

Conforme Alistair Thomson, a pluralidade de versões sobre o passado, as reformulações das lembranças, a exposição pública do passado, as distorções da memória, as reminiscências – angústias por ela despertadas – e o sentido dado às experiências pessoais são elementos possibilitados por esta metodologia que auxiliam na compreensão histórica, apesar da atenção e zelo necessários no processo de construção da narrativa (THOMSON, 1997).

Sendo assim, com base na metodologia e teoria da História Oral, a fim de evidenciar a história de Dona Alcina e compreender sua trajetória como lavadeira, o trabalho foi estruturado em dois capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado *Formação de uma lavadeira*, será abordado o ofício de lavadeira exercida pela mão de obra escrava e o pós-abolição e as redes de relacionamento que se formavam entre as mulheres que realizavam esta atividade. Para isso, foi necessário retomar como se deu a formação urbana do município, como sua história vem sendo contada e o funcionamento da Bica da Carioca. No capítulo também é abordado a falta de visibilidade dos afrodescendentes na historiografia do município e, em especial, das mulheres negras. Finalizando, contarei a história de Dona Alcina, sua infância, como era na escola e os bailes que frequentou, trabalho, família, suas memórias em relação a seu cotidiano.

No segundo capítulo, nomeado *Trabalho, sociabilidade e memórias*, com maior centralidade na entrevista cedida por Dona Alcina, serão descritas e analisadas suas memórias, sua relação como lavadeira, a fim de compreender sua trajetória, considerando sua classe social, raça, gênero e como isso influenciou em suas vivências.



## 2 FORMAÇÃO DE UMA LAVADEIRA

O ofício de lavadeira era passado de mãe para filha. O trabalho era continuado, visto que era necessário ajudar no orçamento familiar ou obter um único meio de sustento para a sobrevivência delas e de seus filhos. As mulheres negras e pobres, por todo Brasil urbano, também exerceram funções como quitandeiras e domésticas.

As mulheres negras compreenderam e souberam usar com maestria os poucos espaços de sobrevivência deixados por uma sociedade profundamente hierarquizada por “cor” e “sexo.” (NEPOMUCENO, 2013, p. 406)

Segundo Maria Odila Leite, em São Paulo, no século XIX, havia no espaço urbano numerosas mulheres negras, escravas ou livres, pardas e brancas pobres dedicadas a “pequenos” ofícios. Assim como os próprios recenseamentos da época demonstram, cerca de 35% a 40% das mulheres assumiram o papel de principais provedoras do sustento de suas famílias. (SILVA, 1995, p. 28)

No Brasil ao longo do século XIX, o costurar, lavar e passar o cuidado com as roupas em geral, eram feitos por escravas. Com a urbanização crescente, abriu-se um maior mercado para os serviços domésticos nas cidades. (MONTELEONE, 2019)

Na época, os criados domésticos em casas e sobrados urbanos se multiplicaram. Se para os homens pobres livres viver de pequenos serviços temporários era uma maneira de sobreviver, para as mulheres livres pobres tornar-se uma criada era uma maneira de conseguir alguma maneira estável de viver, com abrigo, roupas, comidas e, eventualmente, remédios, fornecidos pela patroa. No Rio de Janeiro, em 1870, “71% das mulheres ativas eram criadas, o que significava 34 mil mulheres trabalhando como mucamas, pajens, amas-de-leite, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, carregadoras de água, lavadeiras, passadeiras e costureiras. Brancas e negras, livres ou escravas, elas trabalhavam juntas, exercendo atividades semelhantes.” Muitas eram escravas, outras, mesmo livres, trabalhavam por casa e comida. (CARVALHO, 2008, p. 248 apud MONTELEONE, 2019, p. 2)

Quando me refiro a Dona Alcina, em sua história de vida há uma ligação direta com seu ofício de lavadeira, através do trabalho exercido, se faz uma ligação de sociabilidade com os outros moradores de diferentes classes sociais como mostra Silva (2011);

A Senhora Alcina que foi lavadeira, babá e cozinheira, é reconhecida na cidade principalmente por seu ofício de lavadeira da Bica da Carioca, que exerceu por longos anos. Assim como Alcina, sua mãe e avó também realizavam serviços domésticos e outras atividades informais voltadas para a sobrevivência. (SILVA, 2011, p.62)

Mas nem sempre o ofício de lavadeira, era passado adiante, muitas mulheres negras que exerceram ofício de lavadeira, conseguiram dar destinos diferentes para suas filhas, há muitos exemplos, de filhas de lavadeiras que entraram para o magistério, por exemplo, como a

da professora Antonieta de Barros ícone catarinense e motivo de orgulho para várias mulheres afrodescendentes como mostra Joana Maria Pedro<sup>4</sup>.

Uma outra personagem feminina importante, que ganhou destaque independentemente das funções de esposa e mãe, foi Antonieta de Barros. Nascida em 1901, foi aluna particular de Delminda Silveira de Souza. Era negra, e seus biógrafos atribuem-lhe origem humilde. Foi, no entanto, protegida do líder político da época, Vidal José de Oliveira Ramos. Destacou-se como professora, escritora, jornalista e política. (PEDRO, 1994, p. 116)

Segundo Jeruse Romão, em sua biografia sobre Antonieta de Barros<sup>5</sup>, a mãe de Antonieta, Dona Catarina, exercia ofícios de cozinheira, empregada doméstica e lavadeira, o que era comum entre as mulheres negras nos pós-abolição, sendo uma continuidade das funções do cotidiano de mulheres escravizadas, assim como a própria escritora Jeruse Romão, que relata o ofício de sua mãe e avó, ambas lavadeiras;

Minha avó, Maria Martinha da Costa (1899-1987), nascida em Jaguaruna (SC), foi lavadeira, ou seja, fazia parte da legião das mulheres negras e brancas pobres que “lavavam para fora”, lá na então rua Lages, hoje denominada Rua General Vieira da Rosa, localizada na comunidade do Morro da Caixa, atualmente denominada, Monte Serrat. (ROMÃO, 2021, p. 43)

Segundo Joana Maria Pedro (1994), em Florianópolis, próximo do Rio Bulha, havia um local onde havia um grande número de lavadeiras, local que a população pobre habitava, essas lavadeiras usavam os rios como local de trabalho,

Por todo o trajeto dos riachos e cursos apontados agrupavam-se as lavadeiras, as primeiras horas da manhã, chalreando, batendo a roupa nas pedras e cantando, enquanto esfregavam entre os dedos as peças espumantes de sabão. Para que as águas não fugissem, correntosas, com pressa além do razoável, provocando as lavadeiras, à custa de pedra e lama, tranquilo remanso, ficando neles as águas represadas, limosas, cobertas por uma nata do sabão e detritos. Assim, podiam ensaboá-las, deixando para a corrente mais rápida o enxaguamento final. (ARAÚJO apud PEDRO, 1994, p. 145)

O ofício de lavadeira, quitandeira, doméstica, costureira, em geral, exercido por mulheres negras e brancas pobres, na sua grande maioria foi a única maneira para essas mulheres sobreviverem, nas cidades. As mulheres pobres da cidade concentravam no seu vai e vem, em locais mais movimentados, onde poderiam oferecer aos estudantes e forasteiros seus serviços de lavadeiras, cozinheiras e melhor podiam tratar pequenas operações. (DIAS, 1995, p. 24) Em sua grande maioria afro descendentes vindos das áreas rurais principalmente no pós abolição, à uma grande migração para os grandes centros:

“Aqueles que se mudavam para as cidades acabavam aprendendo diferentes ofícios, tais como o de marceneiro, charuteiro (produtor de charuto), servente, pedreiro etc.

<sup>4</sup>Joana Maria Pedro. **Mulheres Honestas e Mulheres Faladas**. Uma questão de Classe. Florianópolis 1994.

<sup>5</sup>Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil. Jeruse Romão–Florianópolis: Cais, 2021.

As mulheres, na maioria dos casos, assumiam posições relacionadas com o trato doméstico<sup>6</sup>. (SILVA, 2022).

No início do século XX, o homem que não queria mais viver com sua esposa podia simplesmente sumir, esperando que sua mulher desse conta de sustentar a família. (FONSECA, 2004, p. 523).

## 2.1 SÃO JOSÉ E A BICA DA CARIOCA

A cidade de São José faz parte da grande Florianópolis, estado de Santa Catarina. No período estudado o município tinha um território muito maior que o atual. São José, foi fundado em 19 de Março de 1750. No dia 26 de Outubro do mesmo ano chegaram ao lugar 182 casais, açorianos oriundos das ilhas do Pico, Terceira, São Jorge, Faial, Graciosa e São Miguel. O site da prefeitura de São José, faz menção a chegada do primeiro núcleo de colonizadores alemães do Estado.

Sobre a ocupação africana no município não há registro da chegada dessas pessoas a freguesia, mas a existência do mesmo no cotidiano da localidade é registrada, a ocupação de negros através das festividades no município como na dança do Cacumbi, segundo Janaina Amorim da Silva, cita que em palestra “o major Álvaro Tolentino de Souza, em 30 de maio de 1940, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, comentou também sobre o Cacumbi em São José”. (SILVA, 2011, p. 83)

O elemento africano, para atenuar a nostalgia da terra nativa, que nunca mais veria, organizou a dança dos Cacumbis, constituída de um casal real, aclamado pelos seus súditos e a competente Corte, que se exibiam nas ruas, com vestes de cores berrantes, chapéus afunilados, turbantes e bonés, dançando e cantando versos adrede arranjados. A coroação dos reis e o benzimento da bandeira, fazia-se com grande estardalhaço, apresentando um espetáculo inédito, alegre e pitoresco. Depois das danças, entremeadas e trejeitos, seguia-se um farto repasto, regado a vinho e aguardente. Em ampla sala ornamentada com folhas de sagu, dispostas nas paredes e bandeiras multicores de papel, iluminada com côtos de velas colocadas em arandelas e distribuídas pelos portais, os reis dos Cacumbis recebiam as homenagens dos seus vassalos, muitos dos quais vindos de localidades distantes, rufando tambores e tocando marimbas, cantando ao mesmo tempo versos adequados à festança, muitos dos quais as velhas pretas conservam na memória. (SOUZA; CABRAL, 1943 apud SILVA, 2011, p. 83)

De acordo com Silva (2011), o terno Cacumbi é de origem africana, mostrando forte presença de afro-descendentes no município, o Cacumbi passou por mudanças para se adaptar ao

---

<sup>6</sup> SILVA, Daniel Neves. **Como ficou a vida dos ex-escravos após a Lei Áurea?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm>. Acesso em: 11 jan. 2022.

modelo monárquico.

No Brasil, adapta-se a coroação dos reis do Congo aos moldes da monarquia portuguesa, sendo este ato representado na festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O grupo é formado por pares, composto pelo rei do Congo, príncipe, vassalos, embaixador e outras figuras que variam conforme a época e a região. O capitão determina a coreografia, por meio de espadas ou bastões. (SILVA, 2011, p. 84)

Tais adaptações feitas no Cacumbi para ser usada no Brasil, pode ser um meio de poder praticar a dança sem interferência dos brancos e da igreja. “músicas têm temática religiosa, envolvendo principalmente o louvor e a veneração a Nossa Senhora do Rosário.” (SILVA, 2011, p. 84)

[...] o Cacumbi passou a ser uma forma de linguagem, porque os negros que dele participavam falavam de um legado cultural de seus antepassados. Dançar o Cacumbi é uma forma de repassar práticas culturais africanas que se reelaboram a todo o momento, no contato com outras culturas”. (MARIA, 1997, p.142, apud SILVA, 2011, p. 87)

Podemos observar a forte presença negra através de elementos culturais como na dança do Cacumbi, a forte presença de afrodescendentes em São José, e muito pouco mostrada na história do município. O Cacumbi é uma dança em que os participantes eram todos homens, somente havia a rainha de representação feminina, mulheres não dançavam o Cacumbi.<sup>7</sup> (CONCEIÇÃO, 2021). As mulheres negras, não participam da dança que representa a luta dos guerreiros, neste evento realizado por afrodescendente, quase que totalmente excluída, participando como espectadoras ou em serviços, como na preparação de alimentos ou para servir os participantes.

Em destaque na praça Hercílio Luz em frente a câmara de vereadores em São José, temos o monumento em homenagem aos 182 casais açorianos que vieram colonizar o litoral Catarinense. O site da prefeitura faz pouca menção às populações africanas e afro-brasileiras, a população indígena é totalmente ignorada, como se eles não fizessem parte da história do município.

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Alcina Júlia da Conceição ao Arquivo Histórico de São José (16 set. 2009).

Figura 1 - Monumento em homenagem aos 200 anos da imigração açoriana



Fonte: Flávio Tin/ND. Disponível em: <https://ndmais.com.br/turismo/roteiros-turisticos-querem-resgatar-a-historia-e-habitos-dos-moradores-de-sao-jose/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

Assim, dada a invisibilidade nos monumentos que trazem o início da formação da cidade, temos no próprio hino josefense (ver Anexo A) a exclusão dessas populações mostrando como se não estivessem inseridas no cotidiano local, podemos ver a mesma invisibilidade na criação da emenda em lei ordinária nº 403/ 1960 de 25/02/ 1960 o Brasão de Armas do município de São José, art,1º III, diz: “*O campo à destra, cortado, conterà, em Chefe, em Campo de blau, um escudo de goles, recordando o Brasão da Ilha Terceira donde vieram os açorianos, povoadores do Município, e em ponta, em campo de prata, a águia germânica, em negro, lembrando a primeira colônia alemã do Estado, que se localizou no Município*”. O total apagamento da presença da população africana e dos afrodescendentes.

Figura 2 - Brasão do município de São José



Fonte: Prefeitura de São José (2022).

Em São José, o conjunto do patrimônio cultural é composto por variados bens materiais e imateriais, tombados por decreto municipal n. 18.694, no ano de 2005. O estilo arquitetônico é notavelmente nostálgico. São ícones que simbolizam os eventos e acontecimentos locais e aguçam a curiosidade. Todas essas construções são cobertas pelo zelo sentimental da comunidade, pois não é somente pela arquitetura ou o evento histórico que ressaltam a importância do bem, mas a sua inserção na construção da memória e da história coletiva da cidade e dos cidadãos josefenses.

Destaca-se, do conjunto de bens de natureza material, a Bica da Carioca. Edificada em 1840, pelo poder público, a estrutura de tijolos maciços captava e canalizava a água de nascente próxima. Ao longo dos anos, essa fonte de água pública serviu para o abastecimento de água do centro da cidade e seus arredores. Todavia, também foi um espaço de encontro e de trabalho de muitas mulheres, pois, anexo à fonte havia tanques para a lavagem de roupas, conforme descrito na Cartilha do Patrimônio Histórico de São José: “Foram instaladas 14 pedras que serviam para bater a sujeira mais insistente das roupas, trabalho realizado durante muito tempo pelas lavadeiras, escravas ou não [...]” (SÃO JOSÉ, 2013, p. 27)

No centro histórico de São José, a Bica da Carioca, fica localizada no Beco da Carioca, uma fonte de água potável que foi tombada como patrimônio histórico do município, junto com a Bica da Carioca foram tombados mais 21 bens culturais. A Bica da Carioca tem sua construção no mesmo período em que a mão de obra escrava e a forma de trabalho que predominava no país, isso explica a continuação de seus descendentes exercendo o mesmo trabalho de lavadeiras, pois era um ofício que foi passado por gerações. Reformada pela primeira vez em 1940 e em 2018, a Bica da Carioca, foi um espaço de trabalho ocupado por mulheres das mais diferentes origens, principalmente após a abolição (PAIM; SILVA, 2019 p. 189).

Informe notícia no portal do Ministério Público de Santa Catarina, a Bica da Carioca, que ficou anos desativada e entregue ao abandono, desde 1970, só em 2017 através de um projeto do poder público financiado pelo Fundo para Recuperação de Bens<sup>8</sup> (FRBL), em que possibilitou sua revitalização, entrega e inauguração da Bica da Carioca à população em 2018.

Figura 3 - Bica da Carioca em processo de revitalização, em 2018



Fonte: Betina Humeres. Diário Catarinense. Disponível em:

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/revitalizado-beco-da-carioca-e-reinaugurado-em-sao-jose>. Acesso em: 02 mar. 2022.

Diferente da Bica da Carioca, outros monumentos e bens tombados não eram acessíveis, aos afrodescendentes, entre os monumentos tombados por decreto municipal, em 2005, como por exemplo teatro municipal, sobrados, igreja matriz, entre outros... a Bica da Carioca destaca-se e é associada a uma atividade cotidiana de pouco prestígio, como destacam Paim e Silva:

Se a Bica da Carioca não foi um espaço elitizado, nem ocupado por descendentes europeus, mas mesmo assim conseguiu ser tombado, podemos pensar que enfim, a escolha dos patrimônios a serem patrimonializados está sendo mais democrática e ampla, contemplando a diversidade cultural da região. Por outro lado, é prudente refletir que a Bica da Carioca foi um ambiente de trabalhadores escravizados, ou seja, por meio dele não é possível vislumbrar o afrodescendente de modo positivo, por seus conhecimentos, por sua religião, por sua arte... Mas, o aspecto cotidiano humilhante do trabalho escravo, contribuindo para reforçar o modo preconceituoso que ainda são

<sup>8</sup> FRBL é custear projetos que previnam ou recuperem danos sofridos pela coletividade – recursos oriundos de multas/indenizações (Ministério Público)

vistos os descendentes de escravizados em nossa sociedade. (Paim e Silva, 2019, p. 191)

A Bica da Carioca, diferente de outros patrimônios tombados, nos mostra, nos pós-abolição, não só um local de trabalho braçal, que as mulheres exerciam para arcar com o sustento de seus filhos, mas também um ponto de encontro. Por esta razão, especialmente nos primeiros quase cinquenta anos de sua existência a Bica da Carioca foi um espaço de socialização marcado pela forte presença dos afrodescendentes da região. (PAIM e SILVA, 2019, p. 189)

Essas experiências são importantes no processo da escrita da história local e sobre as relações e vivências ali experimentadas, muitos pesquisadores talvez não tenham o olhar ou a sensibilidade para perceber isso.... Conforme observa Cristina Wolff, em artigo:

Neste passeio pela cidade e seus arredores, realizado pelos autores de histórias locais, muitas vezes são publicados documentos interessantes, são organizados arquivos e o passado passa a interessar a um grupo menos restrito da população. Nota-se também em várias cidades do Estado uma certa retomada e valorização de fatos do passado a partir de questões bem presentes, como as que dizem respeito ao turismo. Esta *valorização*, no entanto, geralmente fica em nível do discurso, raramente gerando iniciativas efetivas do poder público e de particulares no sentido da preservação e divulgação do patrimônio histórico. (WOLFF, 2009, p. 57-58)

A poluição da nascente, a expansão da cidade e as transformações no cotidiano das atividades domésticas, contribuíram para o declínio da prática. Na década de 1970, com o processo de canalização da água e saneamento realizados pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN), a prática de lavar roupa na fonte de água pública não fazia mais parte do cotidiano da cidade. As mulheres que lá se reuniam para exercer o ofício de lavadeiras, já não o fazem mais. Com as inúmeras transformações realizadas na estrutura urbana, as histórias vivenciadas e os personagens da cidade tiveram suas experiências alteradas. A partir do grande número de eventos, é um trabalho árduo remontar a história da cidade. Vilson Farias, historiador, justificou que sua pesquisa sobre a história da cidade tinha por objetivo evitar a perda dos restos da memória da comunidade (FARIAS, 1999, p. 25).

## 2.2 A TRAJETÓRIA DE VIDA DE D. ALCINA

A trajetória de Dona Alcina nos leva para o após a abolição, com a continuação do ofício de lavadeira, que antes feito por mulheres escravizadas, passa a ser feito da mesma maneira, mas por mulheres na condição de não escravas.



A abolição da escravatura foi um dos acontecimentos mais marcantes da história do Brasil e determinou o fim da escravização dos negros no Brasil. A abolição do trabalho escravo ocorreu por meio da Lei Áurea, aprovada no dia 13 de maio de 1888 com a assinatura da regente do Brasil, a princesa Isabel. A abolição da escravatura foi a conclusão de uma campanha popular que pressionou o Império para que a instituição da escravidão fosse abolida de nosso país. (SILVA, 2022, p. 03)

A avó de Dona Alcina exerceu trabalhos domésticos, sua mãe foi lavadeira e doméstica, Dona Alcina também foi lavadeira e doméstica. Sandra, a filha mais nova de Dona Alcina, em entrevista me relatou que não trabalhou na Bica da Carioca, mais que acompanhava a mãe, e junto com ela lavava apenas suas roupas;

Ela escolhia as minha roupas, ela separava, ela me dava um sabão, ai eu ficava de joelhos - que tinha lavador em pé e lavador de joelhos - em pé eu não alcançava e daí eu ficava lá, de joelhos e ela ficava em cima para eu não cair dentro da fonte. Eu esfregava, mas uma vez eu desmaiei e caí dentro da fonte. (CONCEIÇÃO,2022)

Sandra não via isso como trabalho, mas isso não seria uma iniciação do ofício? Dona Alcina estaria passando os ensinamentos de lavadeira para filha? Caso a CASAN, que trouxe água encanada para a região, tornando as práticas de pegar água e lavar roupas na Bica desnecessárias, Sandra certamente seguiria o mesmo ofício das suas antepassadas.

Todas as mulheres da família de Dona Alcina, de alguma forma exerciam atividades domésticas como ofício, e se partimos por esse entendimento, já que Dona Alcina é natural do município de São José, segundo entrevista que a mesma forneceu ao Arquivo municipal de São José, e a entrevista concedida em minha pesquisa, se averiguarmos a data de seu nascimento, dia 27 fevereiro de 1918, sendo bem provável que sua avó exerceu a função ainda no período escravagista, como relata em entrevista concedida para mim; *“A minha mãe, se bem que eu não gosto de dizer essas coisas não né, a minha mãe era filha de escravos”*.

A Senhora Alcina que foi lavadeira, babá e cozinheira, é reconhecida na cidade principalmente por seu ofício de lavadeira da Bica da Carioca, que exerceu por longos anos. Assim como Alcina, sua mãe e avó também realizavam serviços domésticos e outras atividades informais voltadas para a sobrevivência. (SILVA,20011,p.62) Conforme observado por Maria das Graças, as atividades informais foram à opção mais comum para a maioria dos ascendentes africanos e imigrantes. Isso não aconteceu devido à sua incapacidade intelectual, mas às barreiras existentes na sociedade. (MARIA, 1997, p. 157 apud SILVA, 2011, p. 62).

Dona Alcina é última das lavadeiras da Bica da Carioca em vida até o atual momento, Dona Alcina, atualmente vive no município de Palhoça, em um conjunto de apartamentos próximo à rodovia SC 208, município vizinho a São José, tive a honra de poder entrevistar Dona Alcina. Usarei essa entrevista para falar sobre sua trajetória. Tinha o conhecimento sobre outras entrevistas feitas com ela, tentei fazer uma entrevista diferente, tentando não repetir as

mesmas perguntas, mas tentar fazer isso é quase inevitável, tive a ajuda de pessoas que a conhecem e tem um grande carinho por essa senhora, e que participaram da entrevista fazendo com que fosse mais uma conversa entre amigos, não posso esconder que o fato de Dona Alcina ficar sabendo que eu sou afrodescendente ajudou a deixá-la mais à vontade.

Na figura 4, logo abaixo estou entrevistando Dona Alcina, no apartamento de sua filha Sandra, no município de Palhoça.

Figura 4 - Dona Alcina em entrevista para Maycon Santiago em 2021



Fonte: Acervo do autor (2021).

Tive acesso à entrevista que Dona Alcina, concedeu ao Banco de História Oral do município de São José, para os funcionários do Arquivo Histórica de São José, (ver Anexo A) Milton Krabben Fileti e Fabiana Kretzer, entrevista realizada em 16 de setembro de 2009, na época da entrevista Dona Alcina ainda residia no município de São José, entrevista que foi realizada em sua casa, rua Virgílio Espíndola nº 425, no Centro Histórico. Dona Alcina, fala sobre sua data de nascimento, nome dos pais e outras informações.

Segundo relatos feitos por Dona Alcina através de entrevistas concedidas pela mesma. Dona Alcina natural do município de São José, nascida em 27 de fevereiro de 1918. Filha de Maria Júlia da Conceição e Manoel Setúbal. é possível observar que Dona Alcina não carrega o sobrenome de seu pai, estamos no século XX, e ter o sobrenome do pai é algo comum, fica a pergunta qual o motivo pelo qual Dona Alcina, não tem o sobrenome de seu pai. Segundo Dona Alcina seu pai era de origem portuguesa, como relatou em entrevista para Janaina Amorim da Silva. Sobre seus antepassados ela relata: “*a minha bisavó veio da África com a minha vó pra*

*ser vendida pra cá. O meu pai era português, a minha mãe era filha de escravos.”*<sup>9</sup> (SILVA, 2011).

Em relação a seu pai Dona Alcina, só comenta que bebia muito *“Meu pai gostava de umas canas”*, prossegui perguntando se tinha apelido e ela me respondeu; *“Brisa. Meu Deus, bebia uma cana... A minha mãe também bebia; minha mãe se chamava Maria do Brisa”*. Segundo Sales (2010) a cachaça, também conhecida como cana, era bebida consumida pelas camadas mais pobres, principalmente por afrodescendentes;

[...] a cachaça mesmo sendo apreciada por pessoas de diferentes segmentos sociais, geralmente, esteve associada às camadas mais humildes da população, adquirindo também seu consumo certo preconceito (bebida de pobre, de negro, sendo, inclusive, menos valorizada em relação a outros tipos de bebidas), conforme Alencastro esse aspecto está correlacionado ao seu papel de mercadoria-escambo de escravos africanos e também pela associação que se estabeleceu entre a cachaça brasileira e São Benedito, o santo negro, esta “representação racial do santo se agregou ao uso de bebida que até o início do século XX foi considerada no Brasil como uma bebida quase exclusivamente de negros. (SALES, 2010, p.172-173 apud ALENCASTRO, 2000, p. 314)

Segundo entrevista para o arquivo histórico de São José, Dona Alcina relata que sua infância não foi uma infância normal, por conta da pobreza enfrentada por sua família, dificilmente havia tempo para o lazer, em suas lembranças vem a imagem da mãe, trabalhando pela sobrevivência da família;

[...] minha infância não foi nada minha. Fui filha de família pobre, a minha mãe nós se manter, ela carregava a água pras casas dos outros; aqui da carioca, porque aqui nós não tínhamos, ainda né, água da CASAN. E ela sempre tadinha, carregando água de carrinho de mão, com duas latas de querosene dentro.<sup>10</sup>(CONCEIÇÃO 2021)

Em todas as entrevistas usadas neste trabalho, Dona Alcina não comenta sobre brincadeiras com outras crianças, ex.: *“pega pega, esconde esconde”* e outros do tipo, algo que seria normal na infância da maioria das crianças, mesmo pobres. Eu venho de família pobre, mas as brincadeiras de rua eram algo constante, pois não necessitavam de nenhum recurso financeiro para brincar, só bastava ter mais crianças.

Sobre a escola Dona Alcina, comenta que não havia muitas, mas que sua mãe, a matriculou em uma que era para os pobres, localizada no bairro da Praia Comprida, segundo Dona Alcina ficou pouco tempo, algo que é normal quando se vem de família pobre, abandonar os estudos para ajudar no orçamento familiar;

<sup>9</sup> Dona Alcina foi entrevistada por Janaina Amorim da Silva, ano de sua dissertação 2011.

<sup>10</sup> Informação concedida por Dona Alcina, para Banco de História Oral de São José, em 16/09/2009

[...] eu comecei no primeiro na escola da Praia Comprida. A professora que engraçado, eu tinha sete anos quando a minha mãe colocou nós na escola, lá na Praia Comprida, aquela rua que vai pro Sertão, né? Lá tinha uma escola pública, escola da Dona Cecília Rosa; quem dava aula lá era a Cecília Rosa e a Nininha Schneider, era uma velha bem alta, ruim que era um cão, ali que nós começamos, a minha mãe: “vai abrir uma aula ali para os pobres”, e a minha mãe nos levou, eu e minha irmã”.<sup>11</sup> (CONCEIÇÃO,2021)

Dona Alcina comenta sobre a troca de escola, saindo da escolinha da Praia Comprida para o grupo escolar Francisco Tolentino, que, anos mais tarde, passou a se chamar anos Escola Estadual Francisco Tolentino. Dona Alcina, não se recorda até qual idade encerrou os estudos, mas relata que começou a trabalhar com quatorze anos, seguindo o ofício de sua mãe. “(...) *Olha, como é triste, como é triste... com quatorze anos comecei a lavar roupa na casa dos outros, daí aprendi a ser cozinheira, a ser lavadeira, tudo isso eu sou, tudo isso eu sou querido.* (...)”. Muitos jovens de famílias pobres deixam a escola para ajudar no orçamento familiar, com Dona Alcina não deve ter sido diferente, por várias vezes relata a vida sofrida que levava.

A necessidade de trabalhar para garantir a sobrevivência da família quase sempre manteve as mulheres negras afastadas do universo escolar, dando-se o mesmo com seus filhos e filhas, ingressados precocemente no mercado de trabalho para ajudar na renda familiar, atuando em trabalhos de baixa remuneração. (NEPOMUCENO, 2013, p. 394)

Segunda Dona Alcina sua mãe com o avançar da idade não os incentiva a estudar, a dura realidade fazia com que trocassem os estudos pelo trabalho.

O entrevistador Milton (2009), pergunta se sua mãe gostava de uma cachaça;

Hii, gostava de cana. Depois ela foi ficando velha, aí nós já tínhamos que trabalhar pra ela, ela não queria que nos estudasse, porque ela dizia que nós não ia ser professor e nem ia ser doutor (...) assim ela não sabia ler não sabia escrever, não sabia nada, ela não sabia nada mesmo, mas ainda ela teve confiança, botou a gente na escola, quando meu pai morreu, aí tudo mudou, aí tudo foi indo, aí já aconteceu que fomos saindo, fomos morando aqui, fomos morando ali, casas de graça, outros davam uma casinha pra nós morar.(CONCEIÇÃO,2021)

Ao longo das entrevistas que Dona Alcina concedeu pouco ela falava de seu pai, em um trecho da entrevista concedido para o arquivo histórico de São José, Dona Alcina, relata que após a morte de seu pai, a mãe a tirou da escola. Mostra que teve por algum tempo convívio com seu pai, mas não fala sobre ele. Pela idade que Dona Alcina, diz ter começado a trabalhar, se chocam algumas informações entre duas entrevistas realizadas, uma para o Arquivo

---

<sup>11</sup> Informação concedida por Dona Alcina, 10 de julho de 2021

Histórico de São José, que teria entre 15 a 16 anos, e a realizada por mim, fala em 14 anos. Mesmo sem ter a lembrança da idade correta, mostra que antes de ajudar no orçamento familiar, Dona Alcina, conviveu alguns anos com o pai, e que ele supostamente ajudava no sustento da família.

Dona Alcina é muito frequentadora das Igrejas católicas locais, ligada às festividades religiosas, festas como a do Bonfim, segundo Dona Alcina, o padre local chamado Macário, trouxe a festa do senhor do Bonfim e que havia um grande número de afrodescendentes, mas as não sabe dizer por que não há mais a festa.

A festa do Senhor do Bonfim, ele descia aqui pra Matriz, dia 31 de Dezembro, o senhor do Bonfim, desceu a noite em procissão mas era procissão, era festa mesmo, não era quatro gatos pingados não. Esta nossa pracinha aí, hoje é um abandono, isso aí vivia cheio, aqui na carioca, era carroça, era charrete, aqui vivia cheio, o pessoal vinha a cavalo a e a procissão era festa, não é como hoje não. Depois eu sei que, foi indo, foi passando, e o padre Neri, passou a festa do Bonfim pra 5, dia 6 de novembro desce, pra subir dia 31. Agora fazendo a mesma coisa, quando ele desce, ele desce em novembro e só sobe dia 31 de dezembro. O dia que é para ele descer ele sobe. não querido nós não temos mais festas, tinha a festa de São José, não tem mais, acabou. Festa de São Sebastião, não tem mais, quanto tempo querida, quanto tempo, as festas aqui não eram como é hoje não. A festa do Espírito Santo aqui, ainda ontem eu estava falando pra minha neta, digo minha filha não era assim, não era cheio de barraca, barraca aqui, barracas ali, comida de caldo de peixe, nunca vi, essas coisa de festa, nunca vi. (FILETI, KRETZER, 2009)

Muitas festas realizadas no centro histórico de São José, e que envolviam grande presença de afrodescendente, foram sendo extintas, como a do Senhor do Bonfim e do Cacumbi. Mas havia os bailes, tendo uma divisão entre bailes para brancos e bailes para negros, mostrando uma grande participação da comunidade negra no município quando perguntei para Dona Alcina sobre os bailes e se havia baile de preto ela foi enfática ao responder;

Bailes de negros era o que mais tinha, bem ali na casa alta, que vai para a Carioca, que vai para praia. Hum, ali era demais. Todo sábado e todo domingo, tinha uma bem lá em cima, perto do cemitério tinha e outra na subida do cemitério tinha baile; depois foi se acabando. Tinha o Primeiro de Junho, que depois fizeram para a negralhada, depois acabou; e São José é aquilo que vocês sabem, hoje em dia. (...) Ah! Baile tinha em qualquer canto para gente ir. Não tem conversa, não tem pingo d'água não, em qualquer canto a gente dançava. Depois o padre Neri abriu aquele ali, a gente já dançava ali, mas era em qualquer canto (...). (CONCEIÇÃO, 2021).

Quando perguntei para Dona Alcina se havia muitos negros no Centro Histórico de São José, ela num tom irônico, me responde;

Tinha muito negro e não tinha, tinha e não tinha, por que depois foram se desaparecendo, ficou naquilo, tinha uma família bem pretinha, bem preta. Hoje tem um nego tem dois, tem um nego aqui outro ali, não tem mais nego em São José, achar um negro em São José é um cego achar um tostão. Não tem mais como tinha mas tinha bastante, tinha cada nego feio. (CONCEIÇÃO, 2021).

Podemos supor que a comunidade afrodescendente, foi deixando o centro histórico e migrando para outros lugares da região, os fatores podem ser muitos, emprego, moradia, Dona Alcina, comentar que havia muitos negros, na época das festividades e bailes, mesmo que muitos vinham de outros lugares, tinham muitos moradores no local. Não posso dizer o mesmo quando eu, frequentava o Centro Histórico, e a escola Francisco Tolentino, muitas vezes eu era o único negro, entre os alunos e entre as crianças que brincavam na praça.

Dona Alcina tinha seu grupo de Terno de Reis<sup>12</sup>, do qual faziam parte seus familiares, quando o entrevistador Milton (2009) do arquivo histórico de São José, havia perguntado se tinha um grupo;

Quem fazia aqui, era eu, minha irmã, também que já faleceu, (E como era o nome dela?) era Osvaldina, era meu cunhado marido dela, o Pedro (Era o tocador?) Ele tocava, ele tocava o violão, era o violão que nós tocava. A Maria Neves que cantava, que também já faleceu, tinha outro rapaz já faleceu. Querido, nós saía, por aí a fora, era pouco pra nós andar, mais o dinheirinho entrava. É, nós cantava muito terno de reis. (FILETI, KRETZER, 2009)

Dona Alcina era bem ativa nas festas da igreja, trabalhava no que sabia fazer, na produção de alimentos e na limpeza do salão. Tinha bom contato com os padres locais, uma certa intimidade, em um trecho da entrevista que fiz com ela, segundo Dona Alcina,

“O padre Neri é muito bom, malcriado, um dia eu disse ao padre Neri. Ele: **“Oi, Dona Alcina, o que há?”** - O senhor é padre ou sua língua é que cresce <sup>13</sup>? - **“Ó Dona Alcina, a senhora não tem mais jeito”**. Agora nem sei o padre que tem lá, nossa Igreja daquilo não passou”. (CONCEIÇÃO, 2021).

Era comum os padres frequentarem a casa da Dona Alcina.

Dona Alcina como afrodescendente, estava bem inserida na cultura açoriana, principalmente quando o assunto era religiosidade, isso me deixou intrigado, sou afrodescendente e 90% dos afrodescendentes que conheço, tem envolvimento ou já tiveram com religiões de matrizes africanas ou algum tipo de conhecimento, mas grande maioria tem vergonha de falar sobre o assunto, por conta do preconceito. Perguntei a Dona Alcina, se ela conheceu algum terreiro espírita, ela ficou em silêncio, insisti na pergunta usando uma palavra muito usada no passado até nos dias atuais, mas preconceituosa, a senhora conhece algum terreiro de Macumba? Lembrei da mãe de santo mais antiga e conhecida, mãe Malvina, tinha um terreiro de Umbanda na região do Estreito:

Mãe Malvina, a mais importante e tradicional yalorixá do Estado de Santa Catarina, fundadora do primeiro terreiro de Umbanda aberto ao público nos anos 40 do século

<sup>12</sup> Terno de Reis de tradição portuguesa, se refere a história bíblica dos três reis magos que vão ao encontro do menino Jesus, são formados por pequenos grupos de música que cantam essa história em visita as casas da vizinhança.

<sup>13</sup> Língua que cresce: expressão que significa pessoa grosseira.

XX, pode ser considerada um caso emblemático da constituição das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Constitui-se também em um exemplo das artimanhas de resistência dos setores não-hegemônicos, entre eles a população negra e pobre. Não se pode ignorar que Mãe Malvina possuía relações diplomáticas com políticos tradicionais locais, o que pode aparentemente explicar tamanho espaço de atuação. Entretanto, é preciso examinar esta informação com cuidado: afinal, naquele momento, cada grupo da sociedade civil brasileira elaborava suas estratégias adequadas para enfrentar o obscurantismo do período [ditadura]. O que se pode perceber é que os contatos de Mãe Malvina com políticos tradicionais não lhe tolheu o espaço de afirmação e resistência cultural e étnica, nem diminuiu a possibilidade de atuação dos adeptos das religiões afro-brasileiras. Ao contrário, pode-se dizer que também o Centro Espírita São Jorge, de Mãe Malvina, "aproveitou-se" de suas sólidas bases de apoio - entre estas, os políticos tradicionais - para fazer avançar e ampliar o espaço da Umbanda e da cultura afro-brasileira em geral na Grande Florianópolis [...], tendo o sincretismo como estratégia de sobrevivência. (TRAMONTE, 2004, p. 8 apud SILVA, 2011, p. 81).

Dona Alcina, me disse que frequentava muito o terreiro da Malvina, se mostrou conhecedora dos rituais da Umbanda. Levamos um grande susto, quando comentei sobre as festas de preto velho, se ela conhecia, para nossa surpresa ela encenou uma Preta Velha<sup>14</sup>, perfeitamente:

Os Pretos Velhos são conhecidos por sua especialidade em prestar auxílio em questões de saúde, seja física ou emocional. Algumas pessoas também os chamam para ajudar em questões de emprego e família. Preto Velho e Preta Velha tem um jeito simples de passar suas mensagens. Isso permite que possam falar também com uma camada da população brasileira que não se via representada e que não compreendia a linguagem utilizada em atendimentos realizados por médicos e médiuns cultos. (BROCHADO, 2021, p. 1).

O conhecimento de Dona Alcina, sobre as religiões de matrizes africanas, vem através do contato com o terreiro de Umbanda de Malvina, não algo passado de geração em geração, as religiões de matrizes africanas, é algo que foi descoberto por Dona Alcina. A mãe de Dona Alcina era benzedeira mas sem relação com os umbandistas ou outra religião de matriz africana, se aproximando mais das benzedeiras da cultura açoriana. A entrevistadora Fabiana, do Arquivo Histórico de São José, pergunta para Dona Alcina, se sua mãe benzia ou em sua época de criança ou moça havia tido alguma doença. Segundo Dona Alcina, as pessoas iam em sua casa, para se curar de dor de dente, cobreiro, mas ela nunca quis aprender. segundo Pereira e Gomes, o passar do conhecimento na maioria das vezes é passado de geração a geração, “Em geral, prefere-se que a transmissão ocorra para alguém próximo na linha de parentesco, por exemplo, de mãe para filha, de pai para filho e, em circunstâncias menos favoráveis, para sobrinhos, netos e até

---

<sup>14</sup> Entidade relacionada a religiões de matrizes africanas.

para outras pessoas situadas fora do círculo familiar<sup>15</sup>”. Quando perguntei para Dona Alcina se ela benzia, foi direta “*Não, não tem não*”.

Diz a tradição que o ato de benzer, ou de curar, é a ritualização das coisas da fé, onde muitas vezes se misturam o sagrado e o profano. Herança dos portugueses que ao chegarem ao Brasil sofreram influências dos índios e, posteriormente, dos africanos, sobretudo as mulheres. (NERY, 2022).

Em entrevista para Fabiana, Dona Alcina afirmou que não quis aprender a benzer, mas tinha conhecimento e afirmou ter aprendido a benzer de mau jeito<sup>16</sup>,

Olha uma coisa eu aprendi, agora até já me esqueci, era de mau jeito, isso eu aprendi, né, é com agulha, é, uma agulha com linha, e um pedacinho de pano, e, isso às vezes eu digo pro meu neto, ele dá gargalhada, a gente pegava, a gente botava aquele paninho assim, segurava, onde tinha dor, né, mau jeito as vezes as pessoas caia, dava um mau jeito, assim no braço, aí aquele pedacinho, hoje eu ainda sei, a gente fazia, “eu cozo, e te descozo, em nome de Deus, e em nome de São cozo, que eu cozo?” e a pessoa tinha que responder né, a gente dizia que cozo? a pessoa respondia “carne quebrada, nervo torto”, e a gente que dava a benzendo dizia, “a iii está aberta, pendura lá fora do mau que tu tens, eu quero tirar agora”, e esse pedaço, nisso ainda aprendi um pouca” (...). (FILETI, KRETZER, 2009)

De alguma forma Dona Alcina, aprendeu a benzer mesmo negando não querer aprender a benzedura, é o que aconteceu podendo ser de uma maneira inconsciente com seu neto, mesmo com ironia “dando gargalhadas”, de alguma forma ela estava passando o conhecimento adiante.

Dona Alcina, em sua juventude e vida adulta, era grande frequentadora dos bailes da região, em meados do século XX, havia uma segregação diferente da África do Sul em seu apartheid no mesmo período e norte americanos que leis separavam negros e brancos, mas há uma separação um tanto ideológica principalmente quando a questão do lazer e entretenimento. Havia lugares que brancos frequentavam e que negros não eram bem-vindos, e vice-versa, em São José assim como Florianópolis e outras cidades. Havia Clubes só para negros e Clubes só para brancos, às vezes no mesmo espaço só que dividido por uma corda que separava as duas etnias.

No período escravocrata negros não podiam frequentar espaços de brancos. A cultura da não presença em espaços brancos manteve-se no período pós abolição até a década de 1990, pelo menos, com bastante vigor no Estado de Santa Catarina. Para exercitar sua sociabilidade, negros e negras, fundaram Clubes, denominados Clubes Negros, para que a população de origem africana pudesse vivenciar dinâmicas culturais e relações de pertencimento coletivo. (RIBEIRO, 2022).

<sup>15</sup> PEREIRA, Edmilson Almeida de; GOMES, Núbia Pereira Magalhães de. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2018, p. 115.

<sup>16</sup> **Mau jeito**, pessoa que sofre alguma que se fere ou é ferida, causando alguma lesão corporal.



Quando é perguntado para Dona Alcina, sobre os clubes que ela conhecia e frequentava, pode-se observar que eram vários os clubes para negros, próximos do centro histórico de São José, ela cita alguns lugares onde se formava esses clubes e festas, que reunia a comunidade negra;

Ah! Baile tinha em qualquer canto para gente ir. Não tem conversa, não tem pingo d'água não, em qualquer canto a gente dançava. Depois o padre Neri abriu aquele ali, a gente já dançava ali, mas era em qualquer canto. Olha, fulano estava de aniversário ou vamos dançar uma domingueira, já ficávamos de olho aceso pra ver, era em qualquer canto. Depois foi se acabando, ali para a Praia Canto do Papagaio, como eles tratavam, ali se formou um clube de preto, agente dançava ali, dançava aqui, foi se acabando, foi se acabando. (CONCEIÇÃO, 2021)

O fato dos clubes estarem se acabando como afirma Dona Alcina, deve ter ligação com o afastamento da população negra do centro de São José, assim como as festividades do Cacumbi e missa do Senhor Bonfim, que foram extintas, talvez pela falta de trabalho afastou a população negra, segundo Dona Alcina havia muitos negros na região mas que foram desaparecendo; *“Tinha muito negro e não tinha ,tinha e não tinha, por que depois foram se desaparecendo, ficou naquilo(...)”*.

Sobre os clubes de branco, Dona Alcina se refere ao Primeiro de Junho; *“O clube Primeiro de Junho era para branco, para aquele que tinha um pouquinho.”* Mostrando que não havia só o fator étnico, mas também a classe social, por ser um clube de brancos seria para pessoas com poder aquisitivo melhor, e a exclusão era étnica e de classe. Em entrevista para Janaina Amorim da Silva Dona Alcina comenta sobre o clube 1º de Junho;

Do principal clube da cidade de São José, Alcina comentou; no Clube 1º de Junho não podia entrar negro de jeito nenhum, mesmo que fosse mais clarinho. Só depois que começaram a ir, bem mais tarde. Se eu fosse nova eu não ia, não ia mesmo, quer dizer antes o negro não servia pra eles (SILVA, 2011, p. 68).

Segundo o site da Prefeitura de São José, a antiga sede do Clube 1º de Junho, era localizada de esquina com a Praça Matriz, funcionando como sede entre 1928 e 1944. O Clube recreativo 1º de Junho no ano 1978, comprou o casarão localizado na rua Getúlio Vargas. próximo ao centro histórico, hoje funcionando como casa de eventos, provavelmente Dona Alcina se referia ao Casarão quando se refere a *“Só depois, bem mais tarde, que começaram a ir”*. Na figura 5 mostra o Casarão do Clube 1º de Junho com uma arquitetura imponente.

Figura 5 – Clube 1° de Junho em São José



Fonte: Prefeitura de São José. Disponível em: <https://www.saojose.sc.gov.br/index.php/turista/pontos-turisticos/p6>. Acesso em: 02 mar. 2022).

Dança e música são coisas que Dona Alcina, se recorda com muita alegria. Perguntei se ela se lembrava de alguma banda de música, ela respondeu imediatamente sem pensar muito;

“Ô..., me lembro tanto como me lembro dos meus dedos, era bem pequena quando eles colocaram isso ali, se chamava ensaio, começou aquilo ali e dali não saiu disso, a banda de música não era nada, começou com quatro gatos pingados, depois foi indo foi indo e daquilo dali ficou. Às vezes vinham uns músicos da palhoça, apareciam alguns foram indo e ficou naquilo. (CONCEIÇÃO,2021)

Pergunto, se havia músicos pretos prontamente responde;

Tinha muito negro e não tinha, tinha e não tinha, por que depois foram se desaparecendo, ficou naquilo, tinha uma família bem pretinha, bem preta. Hoje tem um negro tem dois, tem um negro aqui outro ali, não tem mais negro em São José, achar um negro em São José é um cego achar um tostão. Não tem mais como tinha mas tinha bastante, tinha cada negro feio. (CONCEIÇÃO,2021)

Dona Alcina relata que a comunidade negra do Centro Histórico foi deixando o espaço de convívio, em suas palavras foi “desaparecendo”, isso pode explicar como os eventos foram extinguidos em relação dos afrodescendentes.

As bandas com integrantes negros no final do século XIX e início do século XX, não eram algo incomum. Janaina Amorim da Silva mostra em sua pesquisa, como a banda de música, Sociedade Musical União Josephense na Rua Xavier Câmara em 1930.

A música e a arte dramática estiveram sempre muito presentes na história da cidade. Em 1894, custeada pelo partido republicano local, fundou-se a banda musical “Recreio Josefense”. Na mesma época, foi organizada pelo partido federalista a banda “União Artística” e mais tarde fundado em 1902 a Sociedade Musical “Adolfo Melo”. Reunindo alguns dos músicos das bandas acima citadas, surgiu a “União Josefense” que permanece até a atualidade. São José teve também uma banda formada exclusivamente por afrodescendentes, segundo cita o Major Álvaro Tolentino em seu discurso publicado pela revista do IHGSC: “Banda Quebra-Quilos, esta banda de músicos medíocres, era constituída de mulatos e pretos libertos, sob a direção de Adão Mafra, creoulo troncudo e sem pendores artísticos”.(SOUZA, 1943, p.43 apud SILVA, 2011, p. 36)

Não encontrei registro da banda de música citada por Dona Alcina, mas pelo seu relato percebo que seria uma banda mista e simples formada com músicos negros e brancos. O convívio com a musicalidade era algo do cotidiano, como na formação dos bailes relato por Dona Alcina em entrevista para Milton do Arquivo Histórico; “*O, pessoal era assim, todo mundo estava por ali, ô Tila, Tila vamos? a pouco aparecia um com o violão outro com o cavaquinho, era dois, isso era os instrumentos, daqui a pouco o baile tava formado*”.

A música fazia parte do dia-dia de Dona Alcina, principalmente em seu ambiente de trabalho, Dona Alcina relata que quando ia pegar água na Bica da Carioca já vinha cantando; “*Quando eu vinha pegar água na Carioca, eu cantava e vinha cantando*”. Uma das pessoas que assistia a entrevista, Eduardo Romão, perguntou para Dona Alcina, com quem ela aprendeu as músicas; Dona Alcina responde que foi com os músicos desde pequena; “*Sim. Eles tocavam. Eu era pequena e via eles ensaiarem para tocar nos bailes.*”

Em entrevista para o Banco de História Oral, quando é perguntada sobre sua infância, Dona Alcina diz que teve uma infância que não foi nada sua, provavelmente pela dura realidade em que se encontrava quando criança e após a vida adulta, mas se pode observar que encontrou na música momentos de alegria, na maioria das músicas cantadas por ela, o romantismo era o que mais gostava.

É. Tinha um homem que cantava muito assim: “Quem foi que disse que já ia namorar, ela sabia eu não quero nem casar, fico sentado só olho para ela de um jeito que parece que quer dançar, dança menina, dança que eu vou chegar, nosso baile está formado, eu só quero” - Aí ele parava, e eu: é pra mim? [Risos] Eu gostava muito de cantar, eu gostava. “lá vem a mulher que eu gosto de braço dado com meu amigo” - isso é uma coisa que aprendi e nunca esqueci -. “Aí, meu Deus, até parece um castigo, eu gosto dessa malvada e ele é meu camarada, ela sabe que lhe tenho um grande amor, me traiu com um grande amigo e me fez um sofredor, ele também é culpado da nossa separação sabendo que ela é Dona do meu coração. (CONCEIÇÃO, 2022)

Mesmo com a idade avançada, Dona Alcina era rápida na improvisação, dependendo rumo da entrevista, encaixava uma música que fizesse sentido com o que pensava na hora, é bem possível que algumas de suas músicas sejam de sua autoria.

Não sei, meu bem porque você ficou assim, vem cá, meu ciumento, que vou te beijar; o carinho que dei, eu volto a de dar, que maravilha que tu és, vem cá, vou te dar um abraço, canta meu bem, não canta canta, não vou cantar (...). Vem cá, meu amor, vem cá! Samba de negro não se pode frequentar, só tem a cachaça para gente se embregar, eu fui num samba na casa da Né, no melhor da festa foram todos para o xadrez...”  
 Deus fez o mundo foi pro nego vadiar, foi pro nego vadiar. O nego é tão triste que só quer batucar, que só quer batucar. Samba nego, que o branco já vem cá, se vier um pau há de levar.(CONCEIÇÃO, 2021)

Em algumas músicas, a letra expõe a segregação vivida na época, a separação dos bailes, de negros e bailes de brancos, e repressão policial contra os afrodescendentes, o negro visto como vadio. Segundo Walter Fraga (2014) em seu livro *Encruzilhadas da Liberdade* que conta a histórias do pós 13 de Maio, nas cidades do Recôncavo baiano, muito se usava a expressão vadiagem para os negros que não aceitavam o trabalho com as mesmas condições de escravidão;

Tudo indica que, após o 13 de Maio, a recusa ao trabalho adquiriu outro sentido, para os libertos. Possivelmente, recusaram o trabalho nos termos das velhas relações escravistas e isso era vista como “continuação do cativo”. Para os senhores de engenho, era conveniente acreditar que aquela recua era produto da inclinação dos escravos à vadiagem. (FRAGA, 2014, p. 139).

Dona Alcina, conhece o centro histórico de São José como ninguém, pois vivia percorrendo a rua prestando o serviço de lavanderia, cozinheira, doméstica e babá. Adorava a praça e como ela era bem cuidada, frequentava a igreja e suas festa, e as festas realizadas na praça como o Cacumbi, Boi de Mamão e outras festas, trabalhou para muitas famílias, tem orgulho de falar que é nascida e criada em São José, moradora dos arredores do Centro Histórico, morou em muitas casas na mesma localidade, sempre próximo do seu principal local de trabalho a Bica da Carioca.

### 3 TRABALHO, SOCIABILIDADE E MEMÓRIAS

Neste capítulo pretendo mostra através das entrevistas feitas com Dona Alcina, compreender sua rede de sociabilidade, como seu ofício de lavadeira, lhe integra no meio social e cria conexões com todas as classes sociais. Dona Alcina assim como sua mãe exerceu trabalhos em casa de “família” como costuma dizer, isso faz com que interagisse com inúmeros habitantes do município de São José, principalmente por seu ofício de lavadeira, que exerceu por muitos anos, ofício passado de mãe para filha.

Quando perguntei para Dona Alcina, de sua mãe e o trabalho na Bica da Carioca me respondeu; “*Sim. Lavava roupas para a casa dos outros; tirava água para casa dos outros, limpando a casa dos outros, aturando desaforo*” (CONCEIÇÃO, 2021).<sup>17</sup> Mesmo sendo em um período pós abolição, podemos observar pela fala de Dona Alcina, em “aturar desaforo dos outros” que ainda há um tratamento de submissão típico do senhor de escravos para cativo. Dona Alcina se referia a ela mesmo quando jovem, ser uma negra linda, que nos lugares onde passava chamava a atenção e cantando *me disse*;

“Meu nome é Alcina, quando ela passa pela rua e requebra no andar os rapazes assobiam e começam a cantar: o Alcina o Alcina, quero ver o teu olhar. Dai já mandava a merda ou tomar do cu. Não dava confiança mesmo, meu filho, eu era negra bonita, agora tô aqui, tô velha, um caco”. (CONCEIÇÃO, 2021)

A praça se localiza no centro de cidade, era o principal lugar de lazer, palco de grandes festejos, segundo Dona Alcina era na; “*A pracinha era muita festa, festinha, mas toda vida foi aquilo, não mudou muita coisa não. Nossa praça não cresceu mais do que aquilo*”. Certamente a pracinha do Centro Histórico é a mesma desde meus tempos de criança, mais na época da escravidão havia um pelourinho<sup>18</sup> no local, que atualmente se encontra em um museu na cidade Laguna doado pelo município de São José, como mostra o site da câmara municipal de São Jose<sup>19</sup>, “**Lei ordinária nº 0628/1967. Visa doar um pelourinho à prefeitura municipal de Laguna.**”.

Art. 1º - Fica o poder executivo autorizado a doar o Pelourinho, pertencente a esta Municipalidade à Prefeitura Municipal de Laguna. Art. 2º- A doação do referido objeto histórico, prende-se ao fato da solicitação feita pelo Digníssimo Prefeito daquela cidade, para o Museu Municipal, onde será o mesmo incorporado. Art. 3º-

<sup>17</sup> CONCEIÇÃO, Alcina Julia. entrevista realizada por Maycon Santiago, São José (SC) em 10 de julho de 2021.

<sup>18</sup> O pelourinho era símbolo de poder público e lugar de castigo para criminosos, negros escravizados que lutavam por liberdade.

<sup>19</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. **Lei ordinária nº00628/1967**. Disponível em: <https://www.cmsj.sc.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/23719>. Acesso em: 12 fev. 2022.

Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 1967)

Dona Alcina era frequentadora da Igreja matriz, participava das festas das cerimônias conhecida dos padres e demais frequentadores, mais segundo Dona Alcina era convidada pelo padre para trabalhar;

Mas o mas nada, né, meu querido? Como é que eles diziam: “a barriga do fogão doméstico, já vem aí?”. Mas a gente era cozinheira e fazia, mas nem isso eles fazem mais. O salão a gente sempre ia para fazer almoço, bem que eles pagavam, né? O padre Neri foi, o padre Neri que começou a fazer, o padre Neri chamava a gente para limpar, cozinhar, fazer isso, fazer aquilo, para assar galinha, para ajudar no bolo; depois quando acabou-se tudo lá no salão, em cima tinha café colonial, nós ia para lá fazer café, hoje não tem mais nada acabou-se tudo. (CONCEIÇÃO, 2021)

Para Dona Alcina, a praça que localizava-se no centro de São José, era o lugar mais lindo, em suas recordações descreve o local que tanto se orgulha de frequentar, quando Milton, do Arquivo de História Oral, pergunta se a praça era bem cuidada; *“Era querido, esse nosso Jardim aí, era uma beleza, aqueles canteirinho, que hoje vive tudo abandonado, aquilo ali era uma beleza, aquelas roseira, aí daqueles que botassem a mão só assim ó, a coisa mais linda, tudo muito lindo, tudo muito lindo”*.(CONCEIÇÃO,2021)

Localizada no coração do centro histórico do município, está a praça de São José, dividida em duas partes: a Praça Hercílio Luz, que hospeda o jardim Carlos Napoleão Poeta, em frente à Câmara Municipal, e a Praça Arnaldo de Souza, com belíssimos casarios centenários e a Igreja Matriz de São José. (ARQUIDIOCESE, 2018).

A baixo foto da praça em frente à Igreja Matriz (ver figura 6).

Figura 6 - Praça-Centro Histórico de São José



Fonte: Arquifln (2022). Disponível em: <https://arquifln.org.br/noticias/alem-das-praias-as-pracas/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

Nos arredores da praça haviam muitos casarões entre eles a prisão pública, local de dois pavimentos na parte inferior funcionava a prisão popularmente chamada de cadeia, que segundo Dona Alcina, ficava perto de sua casa, lugar que Dona Alcina, observava o dia-a-dia dos presos e de outros funcionários, perguntei se tinha muitos presos; *“Quase não tinha. Era quatro salão, às vezes, tinha dois de um lado, tinha dois de outro, tinha três, tinha quatro; tinha uma negona que cozinhava, a cozinha era ali na parte de trás, os presos andavam soltos, cozinhavam tudo”*. (CONCEIÇÃO,2021).

Questionei, andavam soltos? E Dona Alcina, *“Andavam, haviam uns presos que viviam soltos, uma negona e um negão. Ali na parte de trás, ali era uma cozinha - o Quinca, o Quinca.”* Dona Alcina, tinha conhecimento surpreendente do local, sabia de tudo que acontecia na prisão, principalmente as fugas;

É, presos sem vergonha, presos sem vergonha, vocês sabiam o que eles faziam? Eles tiravam o assoalho. Fala que eles estavam presos ali no cubículo deles, que eles estavam presos ali dentro, por ali eles iam, iam, parece que eles sabiam certinho aonde tinha o rolo; lá na praia, tinha aquele buraco onde saía naquele bueiro, dali eles se mandavam. Eu me lembro tão bem que um dia, dois ou um preso estava na porta, que a polícia que ia levar não sei pra onde, pra cidade, eu ia passando bem na frente da cadeia. Em pé, na porta, a polícia saiu para atender quem o chamou, o preso saiu, não sei como, não sei como não me derrubou? Foi-se embora. Eu disse: corre, corre mesmo! Passou aqui disparado parece um vento. (CONCEIÇÃO, 2021)

São José, é um município litorâneo e grande maioria das pessoas que moram em lugares banhados pelo mar, tem em sua gastronomia alimentos oriundos do mar. Os mais pobres



principalmente, Dona Alcina tinha como prato preferido pirão d'água<sup>20</sup>, como também sou natural da região conheço bem esse prato, que pode ser acompanhado por berbigão e peixe frito ou outras iguarias oriundas do mar, pratos saborosos típico da nossa região, segundo Dona Alcina, gostava do pirão de feijão, mas foi o famoso pirão d'água, que levou ela a chegar na idade que chegou;

Pirão de feijão eu gosto, mas um pirão de água com um peixinho ensopado ou um peixinho frito, meu filho... Essas mãos também podem cozinhar, hoje elas não cozinham, não fazem mais nada, só se for jogar a frigideira na cara dos patrão. Vou dizer uma coisa: a coisa que eu mais gosto é de um pirãozinho d'água, às vezes me contam assim, tem tanta gente que reclama, gente nova, que reclama de dor no braço, que tem dor aqui, que tem dor na bunda, mas graças a Deus, pergunta para essa, que se eu reclamo, é lá uma vez ou outra que a minha cabeça dói. (CONCEIÇÃO, 2021)

A louça usada pelas camadas mais pobres era feita de barro vinda das olarias locais, com Dona Alcina, não era diferente em sua casa os pratos, copos, tigela, alguidar, panelas. Quando Milton do Banco de História Oral pergunta sobre a louça usada; *“Ô querido, antigamente, a louça era aquilo, era prato de barro, era copo era uma coisa que vocês nem sabem o que é, é picharra”*. O entrevistador pergunta, o que é picharra? Dona Alcina o responde; *“É uns baiãozinho, assim chatinho e tinha uma asinha tá, aquilo dali era pra fazer café e tudo, querido, caneca de barro, essas coisas”*. Desconhecia o picharro, fiz algumas buscas na internet e não encontrei instrumento com esse nome, para o preparo do café.

O mundo para Dona Alcina, era o centro histórico de São José, morou em vários locais nas proximidades, não teve casa própria, adorava as festas na praça, os bailes festas religiosas, estava por dentro de todos os acontecimentos, e conhecia todos os moradores e era conhecida por todos, através de seus ofícios, principalmente o de lavadeira na Bica da Carioca, que fizeram com que ela ficasse conhecida por todos. Penso que por ser uma mulher extrovertida tornou se mais fácil a sociabilidade com a comunidade, mas sempre vista como uma doméstica, cozinheira, lavadeira, não como uma pessoa pertencente a sociedade num todo, e se tornando sem visibilidade, por não pertencer a uma camada fechada da sociedade que impossibilita ver Dona Alcina, como pertencente da história delas também.

Dona Alcina, passou toda sua história no município de São José uma legítima filha da terra, quando falei que iria escrever sobre ela, logo foi falando; *“Eu era uma menina nova, hoje sou uma velha. Glória a deus... Você conhece São José? Uma cidade linda. Foi lá que me criei, agora estou com cento e dois, cento e três anos...”* Em uma frase resumiu sua vida; *“Ali fui*

---

<sup>20</sup> Pirão d'água. Ingredientes: farinha de mandioca, sal e água.



*lavadeira. Ali eu cantava. Fui jovem faceira, ali passei minha vida, ali me criei; ai é conforme Deus quer né, meu filho? Uma hora eu vou, né? (CONCEIÇÃO, 2021)*

Enquanto escrevia esse capítulo, meu amigo Adriano de Brito, o mesmo que intermediou junto com Marcio da fundação da cultura, minha entrevista com Dona Alcina, me informou através de uma mensagem a triste notícia do falecimento de Dona Alcina, dia 10 fevereiro de 2022, às vésperas de completar 104 anos de idade. Segue a baixo a última foto que tirei dela em uma segunda visita que fiz no apartamento de sua filha Sandra, quando entrevistei a mesma.

Figura 7 - Dona Alcina, no município de Palhoça no apartamento de sua filha Sandra, 27 de novembro de 2021



Fonte: Acervo do autor (2021).

### 3.1. O TRABALHO DE LAVADEIRA, A SOCIABILIDADE NA BICA, A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA.

Ela estava lavando roupa, eu ali por perto. Lavando e cantando, e de vez em quando ela dizia: “Tina, vá acender esse cachimbo”. E eu respondia: “Sim, senhora”. Botava fumo, acendia e trazia pra ela, e ela estava cantando. Assim que eu aprendi uma coisinhas gostosas que ela cantava. A roupa batia na prancha, marcando o passo do

canto, espirrando água e sabão na minha cara. E eu acocorada, cantando baixinho, para aprender com a mãe<sup>21</sup>. Clementina de Jesus, em depoimento ao MIS Rio (1967).

As mulheres com suas trouxas de roupas, saíam de suas casas assim que o sol começasse a nascer, percorrendo o caminho para principal fonte de água e lugar de trabalho na lavagem de roupas, muito próximo a Igreja Matriz e da praça do município de São José, em um beco, lá se encontravam com a Bica da Carioca.

Em entrevista para a Brunela Maria, do Jornal ND+, Dona Alcina relata como era o trabalho na Bica da Carioca; *“Cada uma tinha seu tanque e para lavar jogava o sabão Joinville. A gente esfregava na pedra e enxaguava naquela água cristalina que descia como mágica de encantar os olhos”*, segundo a entrevistadora<sup>22</sup>, os trabalhos começavam cedo, pelas sete horas, elas desciam beco em direção a Bica da Carioca, com os as vasilhas de barro na cabeça, os chamados alguidares, e com as trouxas de roupas sujas, que elas ensaboavam usando o sabão que seria o melhor na lavação das roupas, da marca Joinville.

“A gente separava em cor para não manchar, passava esse sabão e molhava. As brancas, fervia nos tachos. Isso durava o dia inteiro”, lembra. A hora da diversão também ocorria quando colocavam a roupa para “quarar” (clarear com a ajuda o sol) (CONCEIÇÃO, 2021).

Para o mesmo Jornal, Dona Alcina fala da união das lavadeiras e quanto estavam por dentro de tudo que acontecia no município; *“Queria saber de uma novidade era só ir no Beco da Carioca. Rolava fofoca, risada. Quando a gente estava triste, chorávamos juntas e da mesma forma quando alegres, cantarolavam tanto e faziam aquela algazarra. Tenho muita saudade desse tempo”*. E relata o duro trabalho, mas também se divertia junto com outras colegas lavadeiras, o fato de estarem livres do olhar ditador dos senhores, trocam as novidades umas com as outras (fofocas) e compartilhando suas frustrações; *“Se o Beco da Carioca falasse, quanta história ganharia as ruas. Tivemos muitas lavadeiras aqui. Trabalhavam pesado e se divertiam. Davam risadas, cantavam porque sentiam-se livres das regras impostas pelos senhores. Tinha Dona Gigi, que morria de medo das minhocas, Dona Ortilha, que achava graça em tudo e rasgava na pedra as roupas das senhoras só de pirraça, quanta saudade”*.

Na descrição usada por Jeruce Romão (2021) em seu livro sobre Antonieta de Barros, ela fala sobre as lavadeiras que exerciam o ofício em Florianópolis, segundo a autora as lavadeiras, percorriam um longo caminho até as fontes da água, muitas moravam nos morros e

<sup>21</sup> Clementina de Jesus extraída do site. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2021/01/clementina-de-jesus.html>. Acesso em 02 mar. 2022.

<sup>22</sup> CONCEIÇÃO, entrevista realizada por Brunela Maria, Jornal ND+ em 01 de abril de 2017.

viviam num constante desce e sobe, as que tinham tanque o que era algo não muito comum, lavavam no local.

Jeruse, descreve como as lavadeiras realizavam o lavar das roupas, incluindo sua avó e sua mãe, que exerciam o ofício de lavar roupas;

As lavadeiras, lavavam as roupas dos clientes, utilizando um sabão rústico, que continha cinzas-uma técnica para remover manchas-, quaravam a roupa em pasto ou nos matos baixos e enxaguavam com uma pedra azul, o anil. O passado ferro de passar, aquecido com carvão em brasa, era também utilizado para secar as roupas nos tempos de pouco sol, especialmente no inverno. (ROMÃO, 2021, p. 44).

Diferente da maneira feita por Dona Alcina, para lavar as roupas, Jeruse relata que era usado um sabão rústico com cinzas para remover as manchas, talvez seja uma técnica, mais antiga, que as lavadeiras tinham para lavar as roupas, mas o uso do anil, Dona Alcina não comenta, só que fervia no tacho. Independente da maneira usada no lavar as roupas essas mulheres nunca tiveram espaço na sociedade como trabalhadoras que eram, não sendo valorizadas pelo ofício que realizavam.

Segundo Joana Pedro (1994) as publicações de Jornais no final do século XIX, ditavam o padrão de mulher “correta” que se encaixa nos moldes da época, a mulher que exerce o trabalho em praça pública, mulheres negras e brancas pobres, não eram vistas como o modelo de mulher ou simplesmente não eram vistas. Para a sociedade o modelo ideal de mulher é a moldada para se dedicar a família e viver à sombra do marido, sendo que as mulheres que trabalhavam como lavadeiras, vendedoras, agricultora e costureiras, não entram nesse modelo e se tornam invisíveis na condição de mulher pertencente a essa sociedade. Pensamento que se estende no início a meados do século XX.

[...] A lavadeira, a mulher que escalava o peixe, que fazia a farinha, que plantava, que colhia; enfim, não interessavam as inúmeras atividades que eram exercidas elas mulheres. Somente seus papéis familiares na relação com os homens é que contavam. (PEDRO, 1994, p. 4).

*Ei ei, qui foi, na fonte (bis)*  
*Sinhora me disse*  
*Qui foi na fonte,*  
*Qui foi na fonte*  
*Sinhora me disse*  
*Qui foi na fonte*  
*Com dois barri;*  
*Qui foi na fonte*  
*Sinhora me disse,*  
*Com dois barri.*

*Ei ê ei ê<sup>23</sup>...*

O canto X é mais um vissungo<sup>24</sup> de trabalho. Tema recorrente que ocupava em grande medida as motivações para o canto. Lamenta-se a situação vivida, não como aceitação, mas como dimensão trágica da existência. (AZEVEDO, 2016, p. 243)

A música era algo presente nos trabalhos das lavadeiras, segundo Dona Alcina, ela já chegava cantando na Bica da Carioca; *“Quando eu vinha pegar água na Carioca, eu cantava e vinha cantando”*.

### 3.2. UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL SOBRE A HISTÓRIA DE D. ALCINA

São José tem seu nome em homenagem ao santo José, uma figura masculina voltada às atividades de carpintaria, homenagem feita por homens, algo que exalta o homem e seu ofício. A própria escrita da história se debruçou, por muito tempo, sobre homens e seus grandes feitos. Foi uma história escrita por homens que narravam o feito de outros homens e, em geral, compartilhada apenas entre homens. Conforme análises da jornalista e filósofa espanhola Rosa Montero<sup>25</sup>, as narrativas históricas construídas ao longo do tempo são machistas e, por consequência, a própria historiografia invisibilizou as mulheres.

Em São José, temos poucos relatos sobre a histórias das mulheres que viveram em meados do século XX, e quando o assunto é sobre mulheres negras, o município é órfão. Em Florianópolis, município vizinho, surge a figura de Antonieta de Barro, assim como Dona Alcina, filha de lavadeira e doméstica<sup>26</sup> e de grande representatividade para as mulheres negras, mas Antonieta é uma exceção, pois a grande maioria viveu na invisibilidade e vive.

As mulheres, lutam a muito tempo por mais espaço no mercado de trabalho, pela igualdade de salários, sendo que as mulheres em sua grande maioria, recebem salários menores que os dos homens mesmo ocupando cargos iguais, segundo reportagem do site G1;

O mercado de trabalho brasileiro mostra que as mulheres ainda têm um longo caminho a percorrer para obter o mesmo reconhecimento que os homens. Pesquisa realizada pelo site de empregos Catho neste ano com quase 8 mil profissionais mostra que elas ganham menos que os colegas do sexo oposto em todos os cargos, áreas de atuação e

<sup>23</sup> Canto X - “Cantiga de secar água. Os trabalhadores secam a água das catas com barris: vai um cheio, volta outro vazio. Daí o sentido da cantiga.” In: O Canto dos Escravos: interpretados por Clementina de Jesus, Geraldo Filme e Dona Doca da Portela, gravadora Eldorado, São Paulo, 1982.

<sup>24</sup> Músicas cantadas pelos escravos, cantos que expressavam seus sentimentos.

<sup>25</sup> Ver: MONTERO, Rosa. **Introdução**. In: História de Mulheres Rio de Janeiro: Agir, 2008.

<sup>26</sup> Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil/Jeruse Romão–Florianópolis: Cais, 2021.

níveis de escolaridade pesquisados – a diferença salarial chega a quase 53%. (CAVALLINI, 2022).

Da mesma maneira os afrodescendentes, lutam contra a discriminação no local de trabalho, e por melhores salários, de acordo com site do Justiça do Trabalho;

O estudo **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**, produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, apontou que, no mercado de trabalho, os pretos ou pardos representavam 64,2% da população desocupada e 66,1% da população subutilizada. Além disso, o número de trabalhadores negros em ocupações informais era de 47,3%, enquanto o de brancos era de 34,6%. (JUSTIÇA DO TRABALHO, 2022).

Usei essas pesquisas da atualidade sobre o mercado de trabalho para mostrar, como o tratamento para mulheres e negros, é feito de maneiras diferenciada, discriminado essas pessoas em relação a seu gênero e por sua raça. E quando unimos as duas coisas: gênero e raça? Temos o papel da mulher negra, que é prejudicada das duas maneiras, para melhor entendimento, segundo Crenshaw, que mostra um exemplo sobre essa forma de discriminação cruzada em razão do gênero e raça;

Na General Motors, os empregos disponíveis aos negros eram basicamente o de postos nas linhas de montagem. Ou seja, funções para homens. E, como ocorre frequentemente, os empregos disponíveis a mulheres eram empregos nos escritórios, em funções como a de secretária. Essas funções não eram consideradas adequadas para mulheres negras. Assim, devido à segregação racial e de gênero presente nessas indústrias, não havia oportunidades de emprego para mulheres afro-americanas. (CRENSHAW, 2002, p. 10).

A resposta da Justiça foi que não havia a discriminação por haver tanto mulheres como negros fabrica, segundo a justiça não procedia o processo aberto pelas mulheres negras.

Houve discriminação racial? Resposta: “Bem, não. Não houve discriminação racial porque a General Motors contratou negros, homens negros”. A segunda pergunta foi: “Houve discriminação de gênero?” Resposta: “Não, não houve discriminação de gênero”. A empresa havia contratado mulheres que, por acaso, eram brancas. (CRENSHAW, 2002, p. 10).

Sendo que essas mulheres, estavam amparadas por lei pelo fato de serem mulheres e pelo fato de serem negras, mas não por serem mulheres negras. Ao longo da história as mulheres negras são inferiorizadas pelos dois motivos, isso chama-se interseccionalidade.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177 apud VEIGA, 2020, p. 8).

Como mencionado anteriormente sobre a dança do Cacumbi, os participantes da dança são todos negros mas somente os homens negros, assim como no boi de mamão que segundo Dona Alcina, em entrevista, quando Fabiana do Banco de História Oral pergunta se ela participava do boi de mamão Dona Alcina responde; *“Não querida boi de mamão era só pra homem, é, o boi de mamão é pra homem, hoje eu vejo aqui tem a Eurora, e a Gloria, a Gloria, vocês conhecem, sabem quem é a Gloria é casada com meu sobrinho”* mulheres não participavam, a questão de gênero era bem marcante, as mulheres principalmente as negras e brancas pobres, sua participação era cozinhando nos preparos de alimentos, e pouco participavam nos eventos.

Em entrevista, um dos ouvintes, bem conhecido de Dona Alcina, que a chamava de vó, lembrou de uma história que ela teria contado para ele, e pediu que ela contasse novamente, seria um fato ocorrido com ela, quando passava pela rua e avistou uma menina em uma janela, essa menina falava em voz alta sobre presença de Dona Alcina. De uma maneira irreverente ela conta o ocorrido;

O Vó se lembra daquela história do menininho da janela, aquela história lá conta conta que é legal. Não..não..não, era parece uma mãe mais a filha, e ela assim, “ó mãe ó mãe lá vem uma nega” eu tava com o ouvido que era um leque[Risos] eu digo, eu vou passar mais perto vou passar mais perto, quando eu aí por ali tequi tequi mais perto, ela voltou a repetir, “o mãe a nega vai passar aqui” eu fui chegando mais perto me parei pela janela e disse o que que tu dissesse que a nega vai passar aqui? Minha filha a mãe puxou a gurria da janela, minha filha tu já viu nega assim assim, mais eu não disse o que era, não vou dizer pra vocês. (CONCEIÇÃO,2021)

Quando perguntei à filha de Dona Alcina, se já havia visto sua mãe passar por algum tipo de preconceito ela me respondeu: “Com ela eu nunca vi não. Nunca reparei, mas na escola eu tinha preconceito com os alunos; me chamavam de nega do cabelo duro...”

“É! Entendeu? Na escola tinha uma que morava na Praia Comprida, uma tal de Lúcia - acho até que era meio machorra<sup>27</sup> - aquela gurria, aquela eu tinha... eu sofria bastante com ela; me batia, me chamava de nega, aí meu cabelo era comprido e me puxava pelo rabo de cavalo, entendeu?”

Em meio a fala de Sandra, Dona Alcina fala: "Eu tenho uma raiva quando me chamavam de nega do cabelo duro." Dona Alcina responde à pergunta. Em várias horas que passei com Dona Alcina, ela pouco fala sobre racismo, em certo momento perguntei se havia algum branco ruim que ela lembra se, perguntei por branco ruim, em vez de pessoa ruim, principalmente para ver se ela relatava alguma cena de racismo, ocorrida com ela, sua expressão

---

<sup>27</sup> Expressão machorra, significa fêmea estéril incapaz de procriar, no dito popular forma preconceituosa de se dirigir a uma mulher que tenha características masculinas ou seja lésbica.

mudou totalmente em voz baixa Dona Alcina fala: “Tinha - fala baixo – é, tinha aquele ali... [Pausa e volta a falar em voz alta] Tinha baile, no padre Neri, fazia o baile baile de negro (...) depois brigavam tudo, era um arrasta-pé.” Rapidamente troca de assunto, desconversa e não responde, fica em meu pensamento porque não respondeu e o fato de não falar sobre os pais de seus filhos, são coisas que deixam várias especulações.

Sandra, relata um outro episódio que sofreu outro tipo de preconceito, sobre sua deficiência, “A gente sofre até hoje né, Maycon? Eu sofri preconceito por conta da minha deficiência. Uma vez eu estava num baile e o cara veio me tirar pra dançar, daí eu fui. Quando ele viu que eu era deficiente, ele disse: “**não, eu não danço com capenga**”; até um amigo meu quis comer ele de soco”. (ANACLETO, 2021). Foto abaixo Sandra, filha de Dona Alcina, em seu apartamento no município de Palhoça.

Figura 8 - Sandra, filha de dona Alcina em seu apartamento no município de Palhoça



Fonte: Acervo do autor (2021).

Eu vejo o racismo como uma herança maldita passada de pai para filho, sempre ouvir falar que no Brasil, há um racismo ‘velado’, não o racismo no Brasil, é explícito, eu sinto ele todos os dias quando entro em um Shopping, vejo em várias matérias de Jornal, pelas redes sociais, nos dias atuais temos leis que ajudam no combater o racismo e a violência contra a mulher, mas em meados do século XX, uma mulher negra, mãe solteira, como Dona Alcina, tendo que aceitar tudo como algo normal? Segundo um artigo publicado em uma matéria do

Jornal Correio Campinas, por Ricardo Correia (2018), cita uma frase muito famosa de Nelson Mandela;

Diluir o pensamento que construiu a subjugação desses povos realmente não é tarefa simples, mas vamos sentar e deixar as mazelas continuarem atingindo exclusivamente os negros? Jamais! Nelson Mandela tem uma frase inspiradora **“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender.”** Ou seja, podemos desconstruir o racismo a partir da educação, essa mesma que ensina para o racismo (CORREA, 2022, destaque do autor).

Nas entrevistas feitas com Dona Alcina, ela só fala que conheceu seu marido nos bailes da vida. Em uma segunda visita onde entrevistei sua filha Sandra, tentei fazer a pergunta sobre seu pai, mas ela não quis falar sobre o assunto, perguntei a Dona Alcina, que também se silenciou, em seguida Sandra, me fala em voz baixa: *“Não conheci meu pai somos filhos de pais diferentes cada um”*. Perguntei se poderia escrever sobre isso em minha pesquisa, ela me responde; *“tudo bem”*. Dona Alcina que foi mãe de seis filhos foi a provedora de seu lar.

Em meio às entrevistas é notório ver o quanto Dona Alcina, tem amor pelo município de São José, mesmo com a vida dura que levava, para manter o sustento da família, se orgulhava em dizer, que nasceu e se criou no município; *“Olha, meu filho, que benção ter vocês aqui! Hoje só peço a agradecer, mas gostaria muito de voltar para o meu cantinho em São José, ali que nasci e ali me criei”*.

Dona Alcina, lembrada em reportagens e no Arquivo de São José, foi excluída, como tantas outras pessoas e familiares negros, do Centro histórico de São José, na medida em que este foi reurbanizado, restaurado e gentrificado.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos referenciais teóricos e metodológicos da História Oral, evidenciamos parte significativa da trajetória de Dona Alcina. Conforme afirma Portelli, “[...] não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos, se lembram [...]” (PORTELLI, 2006, p. 127). Nesse sentido, a partir do registro dos depoimentos e a análise realizada, buscou-se a confrontar as memórias e estabelecer um diálogo para evidenciar a mulher negra, provedora de seu lar, que mesmo conhecida no município por seu ofício de lavadeira, tem parte sua trajetória invisibilizada.

Na história, dita tradicional, as mulheres são invisíveis, pelo fato de se destinarem a elas os espaços domésticos, enquanto as narrativas históricas se voltaram para os eventos da esfera pública. (FLORES, 2001, p. 270)

Conforme afirma Passerini (2011), a natureza da história oral requer que consideremos algumas condições, entre elas o gênero, no contexto da realização da entrevista. Das subjetividades do uso da História Oral, foi possível perceber que o fato de ser negro e morador do município de São Jose, deixou Dona Alcina mais à vontade. Também, permitiu entender alguns de seus gestos e expressões. É importante compreender estas questões subjetivas, pois partilhar das mesmas experiências raciais foi um fator importante para a entrevista.

Num sistema, que acaba dando preferência a cor da pele e as características fenotípicas e estéticas, que privilegia certo grupo social - o da branquitude -, que coloca como padrão de beleza o europeu, padrão que afeta principalmente as mulheres negras, que na sua maioria são provedoras de seu lar, fez com que Dona Alcina vivenciasse a solidão da mulher negra.

A centralidade e o papel de prover não seguem o modelo patriarcal, a mulher é quem exerce esse papel central, às vezes assumindo duplas e triplas jornadas para garantir a sobrevivência dos seus. Fortes e solitárias, mães solas, em seus lares, o eixo central, sem casamento, às vezes por escolha própria, dificuldade social ou preterimento do companheiro, não vivenciaram uma condição de acesso social ou estabilidade amorosa (ALVES, 2011 apud SANTOS, TOFANELO; MUZI, 2021, p. 64).

Segundo as autoras, são mulheres que carregam todos os seus anseios vivenciados no período escravocrata. Com o objetivo da história não se repetir, repassavam para seus descendentes ensinamentos de força e sobrevivência. (SANTOS; TOFANELO; MUZI, 2021, p. 64).

A trajetória de Dona Alcina, apesar de toda excepcionalidade, oportuniza mostrar não apenas a sua jornada, mas a pensar sobre a experiência de inúmeras mulheres negras, que viveram no pós-abolição e buscaram no ofício de lavadeira e outros afazeres domésticos tirar o

sustento de suas famílias. A atividade marca o cotidiano da cidade, assim como a própria história da cidade. É curioso, pois é difícil e poucas pessoas conseguem perceber seu papel em acontecimentos históricos (HALL, 1992). Embora ativas no cotidiano e no crescimento da cidade, acabaram ficando invisibilizadas.

Com base nos relatos de Dona Alcina, é possível vislumbrar melhor o que se passou na Carioca, o dia a dia do local e da cidade, é possível imaginar as mulheres cantando enquanto batiam, esfregavam, ensaboavam, torciam as roupas e contavam as “fofocas” da cidade. Mas também, sua trajetória nos faz enxergar a interseccionalidade dos preconceitos e das relações econômicas e sociais que colocam as mulheres negras na solidão.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. *In: Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANACLETO, Sandra Mara da Conceição. Depoimento [Entrevista cedida] Maycon A. Santiago, *Trajetória de Dona Alcina lavadeira da Bica da Carioca*, Palhoça, 27 nov. 2021.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Fronteiras Internas: Urbanização e Saúde Pública em Florianópolis nos anos 20. *In: BRANCHER, Ana. História de Santa Catarina: Estudos Contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

ARQUIDIOCESE de Florianópolis: visite a praça de São José! Disponível em: <https://arquivln.org.br/noticias/alem-das-praias-as-pracas/>. Acesso em 12 fev. 2022.

AZEVEDO, Magno Amailton. **O conto dos escravos: herança centro africanas na música contemporânea do brasil**. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/36694/21515>. Acesso em: 17 fev. 2022.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

BRASIL. JUSTIÇA DO TRABALHO. **Especial: discriminação racial no ambiente de trabalho**. Justiça do Trabalho, Tribunal Superior do Trabalho. Disponível em: <http://www.tst.jus.br/-/especial-discrimina%C3%A7%C3%A3o-racial-no-ambiente-de-trabalho#footer>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BROCHADO, Marisilda. Guia da Alma. **Preto velho e preta velha: a sabedoria dos avós!** Disponível em: <https://guiadaalma.com.br/preto-velho-preta-velha/>. Acesso em: 20 dez. 2021

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. **Lei ordinária nº00628/1967**. Disponível em: <https://www.cmsj.sc.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/23719>. Acesso em: 12 fev. 2022.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro: experiências de populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX**. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

CARTILHA do Patrimônio Histórico de São José – SC: normas e diretrizes. São José: Prefeitura Municipal de São José/FMCT/SERPPAC, 2013.

CAVALLINI, Marta. G1; Mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos e áreas. **G1**, Brasil, 07 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CONCEIÇÃO, Alcina Júlia. Depoimento [Entrevista cedida a] Maycon A. Santiago, *Trajetória de Dona Alcina lavadeira da Bica da Carioca*, Palhoça, 10 jul. 2021.

CONCEIÇÃO, Alcina Júlia. Depoimento [Entrevista cedida a] Milton Knodden Fileti e Fabiana Kretzer. *1º Entrevista do branco de História Oral, de São José*. São José, 16 set,

2009. Disponibilidade, Arquivo Histórico de São José.

CORREA, Ricardo Alexandre. Ninguém nasce odiando, para ser racista é preciso ter o aprendizado do ódio: As educações que ensinam. **Carta Campinas**, Campinas, 30 jul. 2018. Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2018/07/ninguem-nasce-odiando-para-ser-racista-e-preciso-ter-o-aprendizado-do-odio/>. Acesso em 21 jan. 2022.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FARIAS, Vilson Francisco de. **São José: 250 anos: natureza, história e cultura**. São José: Edição do autor, 1999.

FENSKE, Elfi Kürten, **Clementina de Jesus-rainha negra da voz: Templo Cultural Delfos**. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2021/01/clementina-de-jesus.html>. Acesso em: 18 fev. 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral e tempo presente. *In*: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: USP, 1996. p.11-21.

FRAGA, Walter, **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GERLACH, Gilberto; MACHADO, Osni. **São José da Terra Firme**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2007.

HALL, Michael. História Oral: os riscos da inocência. *In*: Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. p. 157-160.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p. 261-273, jul/dez, 2006.

KRETZER, Fabiana. Dona Alcina. Memórias da Terra Firme: nas montagens da vida. **Revista do Arquivo Histórico Municipal de São José/FMCT**, São José, n.1, p. 14-16, mar. 2010.

LEITE, Miriam Moreira; MOTT, Maria Lucia de Barros; INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1984.

MARIA, Brunela. Com 99 anos, última lavadeira do Beco da Carioca, em São José, conta sua história. **ND+**, Florianópolis, 01 abr. 2017. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/as-historia-do-beco-da-carioca-em-sao-jose-contadas-por-alcina-lavadeira-de-99-anos/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920).

**Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, 2019.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções**: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529996558992.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

PASSERINI, Luisa. Gênero ainda é uma categoria útil para a história oral? *In: A memória ente política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 95-106.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres Honestas e Mulheres Faladas**: Uma questão de Classe. Florianópolis, 1994.

PEREIRA, Edmilson Almeida de; GOMES, Núbia Pereira Magalhães de. **Assim se benze em Minas Gerais**: um estudo sobre a cura através da palavra. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-33, abr. 1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>. Acesso em: 02 mar. 2022.

RIBEIRO, Daniel. **Pesquisa e livro de Clubes Sociais Negros em SC**. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/18048/pesquisa-e-livro-de-clubes-sociais-negros-em-sc>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ROMÃO, Jeruse. **Antonieta de Barros**: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil/Jeruse Romão. Florianópolis: Cais, 2021.

SALES, Eliane. **Aspectos da história do Álcool e do Alcoolismo no século**. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/viewFile/110065/21988>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SANTOS, Estela Pereira dos; TOFANELO, Gabriela Fonseca; MUZI, Joyce Luciane (org.). **Faces da violência contra a mulher na literatura contemporânea de autoria feminina**. Catu: BordôGrená, 2021.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: [https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAner-o-Joan%20Scott.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAner-o-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 02 mar. 2022.

SILVA, Daniel Neves. **Como ficou a vida dos ex-escravos após a Lei Áurea?**: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex->

[escravos-apos-lei-aurea.htm](#). Acesso em 11 jan. 2022

SILVA, Daniel Neves. **Como ficou a vida dos ex-escravos após a Lei Áurea?:** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm>. Acesso em: 11 jan. 2022.

SILVA, Janaina Amorim da. **Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José na pós-abolição.** 2011. 98 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2011. Disponível em: [http://www.tede.udesc.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2474](http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2474). Acesso em: 02 mar. 2022.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, n.15, p. 51-71, abr. 1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224>. Acesso em: 02 mar. 2022.

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0101>. Acesso em: 02 mar. 2022.

## APÊNDICE A – ENTREVISTA 1

### Entrevista com Alcina Júlia da Conceição (Dona Alcina)<sup>28</sup>

**Marcio**<sup>29</sup>: O vó! Vim apresentar para a senhora um rapaz que é estudante de história, o Maycon, ele veio entrevistar a senhora. E mais uma coisa, ele é negro, um menino negro.

**Dona Alcina**: Que bom meu filho. Olha tenho dezoito anos. [Em tom irônico. Risos]<sup>30</sup>.

**Márcio**: Pensei que a senhora tinha dezessete dezessete anos. [Risos].

**Dona Alcina**: Sim, tenho dezessete anos. Faço dezoito dia dezessete de fevereiro.

**Maycon**: Dona Alcina vou escrever sobre a senhora...

**Dona Alcina**: Olha! Escreva que irei fazer dezoito anos: Alcina, menina nova, irá fazer dezoito anos. [Risos].

**Maycon**: Podemos falar sobre a vida da senhora?

**Dona Alcina**: Eu era uma menina nova, hoje sou uma velha. Glória a deus... Você conhece São José? Uma cidade linda. Foi lá que me criei, agora estou com cento e dois, cento e três anos...

**Maycon**: Ontem estive na bica.

**Dona Alcina**: Na Bica da Carioca!? Está limpa?

**Maycon**: Sim. Arrumaram tudo.

**Dona Alcina**: Ali fui lavadeira. Ali eu cantava. Fui jovem faceira, ali passei minha vida, ali me criei; ai é conforme Deus quer né, meu filho? Uma hora eu vou, né?

**Maycon**: A sua mãe trabalhava na bica?

**Dona Alcina**: Sim. Lavava roupas para a casa dos outros; tirava água para casa dos outros, limpando a casa dos outros, aturando desaforo...

**Maycon**: E seu pai ?

**Dona Alcina**: Meu pai gostava de umas canas.

**Maycon**: Ele tinha apelido?

**Dona Alcina**: Brisa. Meu Deus, bebia uma cana... A minha mãe também bebia; minha mãe se chamava Maria do Brisa.

**Dona Alcina**: [Cantando] Meu nome é Alcina, quando ela passa pela rua e requebra no andar os rapazes assobiam e começam a cantar: o Alcina o Alcina, quero ver o teu olhar. Dai já mandava a merda ou tomar do cu. Não dava confiança mesmo, meu filho, eu era negra bonita, agora tô aqui, tô velha, um caco.

**Maycon**: A senhora poderia me falar como eram os bailes, tinha baile de negro e baile de branco?

**Dona Alcina**: Ôh! Tinha baile por toda parte.

**Maycon**: Tinha baile só para preto?

**Dona Alcina**: O baile tocava e a negada - hum! - era aquele que mais podia arrastar o pé!

<sup>28</sup> Dona Alcina é a última lavadeira que atuou na Bica da Carioca, da cidade de São José, ainda viva. A entrevista foi realizada no dia 10 de julho de 2021, no município da Palhoça, onde reside atualmente com sua filha Sandra. Durante a realização da entrevista, estavam no local: Dona Alcina, Sandra, Márcio, Eduardo Romã Bacharel em música (UDESC), Lucas mestre em História (UDESC) e eu. A realização desta entrevista foi conduzida com base nos preceitos éticos da metodologia da história oral. A entrevistada foi orientada sobre o procedimento e, sua filha e responsável legal, assinou o termo de autorização.

<sup>29</sup> Márcio Gonzaga é formado em artes cênicas, atuou junto ao Conselho de Cultura de São José e, atualmente, é responsável pelo Serviço de Proteção ao Patrimônio Cultural e Natural de São José da Fundação Municipal de Cultura e Turismo de São José. Possui proximidade com Alcina e sua família.

<sup>30</sup> Na transcrição da entrevista buscou-se manter os registros características da oralidade. Em colchetes, foram destacadas entonações ou ações necessárias para compreender a fala.

**Eduardo Romão:** Todos os dias?

**Dona Alcina:** Todos os dias não, só quando tinha aniversário e nos domingos.

**Maycon:** Onde eram os bailes?

**Dona Alcina:** Ah! Baile tinha em qualquer canto para gente ir. Não tem conversa, não tem pingo d'água não, em qualquer canto a gente dançava. Depois o padre Neri abriu aquele ali, a gente já dançava ali, mas era em qualquer canto. Olha, fulano estava de aniversário ou vamos dançar uma domingueira, já ficávamos de olho aceso pra ver, era em qualquer canto. Depois foi se acabando, ali para a Praia Canto do Papagaio, como eles tratavam, ali se formou um clube de preto, agente dançava ali, dançava aqui, foi se acabando, foi se acabando.

**Maycon:** E o clube Primeiro de junho?

**Dona Alcina:** O clube Primeiro junho era para branco, para aquele que tinha um pouquinho. Nós dançava em qualquer canto; onde tivesse um furo a gente dançava. Perto do cemitério tinha uma casa; era todo sábado e domingo. Tinha uma família que morava lá perto do cemitério, morava o negão Carlito, a gente dançava lá. Hoje não dou um tostão pra ninguém. Abaixo a cabeça, falo com aquele lá de cima [olha para o alto]: quero ir para São José. Hoje estou cada vez mais nova, faço aniversário dia 27 de fevereiro.

**Maycon:** A senhora se lembra se além da Bica da Carioca existiam outras bicas?

**Dona Alcina:** Tinha uma na Carioca, na Praia Comprida; na Carioca tinha aquelas duas, depois bem ali na Praia Comprida, depois tem ali na pracinha, tem o bar, né? Aquele Bar do Toninho, naquele meozinho.

**Dona Alcina:** [Cantando] Não ri, não ri, fiquem calados. Deixe eu sorrir sozinha ou vem para conhecer essa velhinha. Conta meu bem, canta não canta que eu vou cantar esse beijo que você não quis foi para me dar, hoje eu choro de saudades da felicidades suas, hoje eu vivo chorando, meu amor vai se acabando. E assim eu vivo.

**Maycon:** A bica que havia no lado do seu Toninho...

**Dona Alcina:** Sim meu filho tem aquela que tinha mesmo e tem aquela que era do Bar, que chamávamos de torneira da praça. Na pracinha e na carioca tinha duas, depois tirou e ficou só com uma. Tinha outra na Praia Comprida, daí o pessoal começou a colocar água em casa, ai foi se acabando...

**Maycon:** O pessoal namorava na bica? Tinha muito namoro?

**Dona Alcina:** Na Carioca?

**Maycon :** Sim

**Dona Alcina:** Depois de velha não, né? [Risos].

**Maycon:** Digo, quando era novinha...

**Dona Alcina:** Depois de novinha eu arrastava o pé... Quando eu vinha pegar água na Carioca, eu cantava e vinha cantando. Olha, meu filho, que benção ter vocês aqui! Hoje só peço a agradecer, mas gostaria muito de voltar para o meu cantinho em São José, ali que nasci e ali me criei.

**Maycon:** Havia muitos negros?

**Dona Alcina:** Hum... Nossa, como tinha. Não é negro, é moreno [Risos].

**Dona Alcina:** Bailes de negros era o que mais tinha, bem ali na casa alta, que vai para a Carioca, que vai para praia. Hum, ali era demais. Todo sábado e todo domingo, tinha uma bem lá em cima, perto do cemitério tinha e outra na subida do cemitério tinha baile; depois foi se acabando. Tinha o Primeiro de Junho, que depois fizeram para a negralhada, depois acabou; e São José é aquilo que vocês sabem, hoje em dia. Fui empregada doméstica, trabalhei muito ali, hoje eu vivo aqui, abaixo a cabeça. Querido você sabe aquele ditado: cada um sabe de si e Deus de todos? É isso que tenho para dizer: cada um sabe de si e Deus de todos.

**Maycon:** A senhora poderia contar um pouco mais sobre a Carioca, tinha mulheres negras e mulheres brancas ou eram só mulheres negras?



**Dona Alcina:** Ali tinham negros e brancos como sempre, moradores negros e moradores brancos, mas foram se acabando, foram indo, ficou naquilo que você viu.

**Maycon:** E as suas amigas e colegas negras lavadeiras?

**Dona Alcina:** Tinha Arminda, Potência, tudo isso era a negada da família.

**Maycon:** Como era a praça?

**Dona Alcina:** A pracinha era muita festa, festinha, mas toda vida foi aquilo, não mudou muita coisa não. Nossa praça não cresceu mais do que aquilo. Na Carioca tinha duas torneiras, fizeram aqueles tanques para elas lavar e assim foi levando a vida e agora faz anos que não vou na Carioca.

**Maycon:** Como era a missa, a religião no local?

**Dona Alcina:** Ah! Tinha os padres. Ali onde é o Hospital Regional, era o colégio, depois foi casa dos padres, colégio das freiras, depois foi se acabando; agora foi o que vocês viram era casa de louco o convento dos padres, ali no morro do Bonfim.

**Maycon:** Tinha missa no morro do Bonfim?

**Dona Alcina:** Sim, tinha missa. Agora não tem mais nada, querido, quando tinha procissão do Bonfim, era a coisa mais linda. Todo ano, primeiro do ano, a procissão saía por ali, todo ano, a coisa mais linda. Agora, hoje não tem mais nada ali, foi colégio. Não saio mais nada, nem para frente nem para trás.

**Maycon:** Na Bica da Carioca trabalhavam homens também ou eram só mulheres?

**Dona Alcina:** De vez em quando tinha que limpar, que dava para abrir ali; tinha que limpar o poço e capinar, agora tudo acabou. Fizeram aqueles tanques para a gente trabalhar, porque ali não tinha tanque, era só uma fonte; o Prefeito mandou fazer aquilo ali para nós lavar, primeiro começou uma fonte para o lado de cima, depois o Prefeito mandou fazer aquilo ali e ali parou. Mas aquilo ali, quando a gente limpa, a gente varria tudo aquilo lá, tinha uma senhora que varria e limpava. A gente destampava o tanque, tirava a tampa, tinha um monte de pano que a gente tapava o buraco para a água sair, daí eles entravam e limpavam. E foi indo, foi indo... São José, em vez de ir para frente, em vez de aumentar parou e ali ficou, não saiu mais daquilo. A Carioca era fonte, não era aquilo ali não, não eram aqueles tanques, ali para o lado de cima, ali era uma fonte e tinha duas pedras que eram lavador, a água vinha, não tem uma casinha lá para o lado de cima, o pasquim? Ali, a água corria por ali mais em baixo, o pessoal fazia uma fonte, da fonte foram indo dali, fizeram a Carioca, que a água da Carioca vem de baixo. Ôh, meu filho, que engraçado! Todos os lugares aumentaram, só esse lugar não aumentou, ficou naquilo e pronto, mas nós damos graças a Deus que tem aquilo ali. O padre Neri é muito bom, malcriado, um dia eu disse ao padre Neri. Ele: “Oi, Dona Alcina, o que há?” - O senhor é padre ou sua língua é que cresce? - “Ô Dona Alcina, a senhora não tem mais jeito”. Agora nem sei o padre que tem lá, nossa Igreja daquilo não passou, começaram a pintar, arrumar, dali parou, dali ficou. O jardim, tinha jardineiro - que rosas lindas! -, acabou-se tudo ali. Daí eu digo para eles: “Ôh, aquilo ali é igual a bunda de cavalo” [Risos].

**Maycon:** Dona Alcina, na Bica da Carioca só lavava roupas ou também pegava água?

**Dona Alcina:** Então, nossa água vinha da torneira, foram lá ver? Nossa água vinha da torneira.

**Maycon:** Sim.

**Dona Alcina:** Tinha uma pedreira, a gente lavava em duas pedras. Quem tinha dinheiro mandava fazer tanque; quem não tinha, lavava na pedra mesmo. Até que o Prefeito mandou fazer os tanques.

**Maycon:** Quem era o prefeito na época? A senhora se lembra?

**Dona Alcina:** Só me lembro do Germano...

**Maycon:** Germano?

**Dona Alcina:** Sim, Germano Vieira. Querido eu também não sou mais criança tenho cento e poucos anos.

**Maycon:** Tinha muito branco ruim, que fazia maldade?

**Dona Alcina:** Tinha - fala baixo - é, tinha aquele ali... [Pausa]. Tinha baile, no padre Neri, fazia o baile

baile de negro (...) depois brigavam tudo, era um arrasta-pé.

**Eduardo Romão:** Tinham músicos? Tinha músico gaiteira, violão comum é que era?

**Dona Alcina:** Tinha Violão, tinha um que cantava assim [cantando]: “lá vem a mulher que eu gosto de braço dado com meu amigo” - isso é uma coisa que aprendi e nunca esqueci - . “Aí, meu Deus, até parece um castigo, eu gosto dessa malvada e ele é meu camarada, ela sabe que lhe tenho um grande amor, me traiu com um grande amigo e me fez um sofredor, ele também é culpado da nossa separação sabendo que ela é Dona do meu coração”.

[Palmas].

**Eduardo Romão:** Essa música a senhora aprendeu com um músico?

**Dona Alcina:** Sim, aprendi com um músico. Eles tocavam, eles cantavam...

**Eduardo Romão:** Nos bailes de pretos, eram os pretos que tocavam?

**Dona Alcina:** Sim. Eles tocavam. Eu era pequena e via eles ensaiarem para tocar nos bailes. Eu já falei demais. O que trouxe vocês aqui, meu filho?

**Maycon:** Eu queria muito conhecer a senhora. Eu queria muito conhecer a senhora e estou escrevendo sobre a senhora, estou fazendo um trabalho da universidade sobre a sua trajetória.

**Dona Alcina:** Alcina era nega, bonita, hum... Fui empregada doméstica, fui lavadeira, passava, engomava, tudo isso eu fui querido.

**Maycon:** A senhora se lembra das histórias dos escravos que trabalharam na Bica da Carioca?

**Dona Alcina:** Não, eu me lembro de alguns escravos, mas daqueles de antigamente não da queles de antigamente não, daqueles bem antigos né, depois foram se acamada ficou em nada agora não tem mais nada disso não acabo!

**Maycon:** Mas antigamente tinha.

**Dona Alcina:** Tinha lá perto do cemitério, morava um bem preto que os pais foram escravos.

**Maycon:** Qual era o nome dele?

**Dona Alcina:** Eu sei lá! Hum, eu nem sei o que, [em voz baixa] há Carlito!

**Maycon:** Carlito.

**Dona Alcina:** Um que era músico, um nego bem bonito, os pais foram escravos e depois a escravidão foi se acabando, querido depois foi se acabando. A minha mãe, se bem que eu não gosto de dizer essas coisas não né, a minha mãe era filha de escravos.

**Maycon:** Era escrava?

**Dona Alcina:** Ha...ha...cala a boca não gosto de falar sobre isso, é não quer dizer que seu escrava, não sou escrava porque né, mas graças a deus hoje vivo aqui sentada, estou aqui porque sou obrigada a está, mas gosto muito de São José,

**Maycon:** A senhora se lembra da banda de música da São José?

**Dona Alcina:** Da banda de música?

**Maycon:** É

**Dona Alcina:** Ô..., me lembro tanto como me lembro dos meus dedos, era bem pequena quando eles colocaram isso ali, se chamava ensaio, começou aquilo ali e dali não saiu disso, a banda de música não era nada, começou com quatro gatos pingados, depois foi indo foi indo e daquilo dali ficou. Às vezes vinham uns músicos da palhoça, apareciam alguns foram indo e ficou naquilo.

**Maycon:** Tinha muitos musicos negros?

**Dona Alcina:** Ham ?

**Maycon:** Tinha muito músico preto?

**Dona Alcina:** Tinha muito negro e não tinha ,tinha e não tinha, por que depois foram se desaparecendo, ficou naquilo, tinha uma família bem pretinha, bem preta. Hoje tem um nego tem dois, tem um nego aqui outro ali, não tem mais nego em São José, achar um negro em São José é um cego achar um tostão. Não tem mais como tinha mas tinha bastante, tinha cada nego feio. [Risos].

**Marcio:** Vô dai tu que quebra! [Risos] daí tu me quebra[Risos].

**Dona Alcina:** Tinha cada nego feio, meu deus que engraçado né.

**Marcio:** Vô sabe o que eu queria perguntar é que eu tinha uma dúvida ali, como a gente mora bem perto do mar, a gente ve muita historia de pescadores, mas não ve história de pescadores negros, na época não havia pescador negro quando a senhora estava ali na praça a senhora se lembre de algum pescador negro que viviam ali naquela região que viviam da pesca que pescavam.

**Dona Alcina:** Tinha sim que pescavam de canisso de tarrafa, depois no fim os pescadores que conheci foi meu cunhado, há pois o João era meu filho aquele era pescador

**Maycon:** Quantos filhos a senhora tem ?

**Dona Alcina:** Ham .... um

**Sandra:** Seis filhos[Risos]

**Marcio:** Quero saber esse calcula aí, seis filhos com 15 anos[Risos]

**Dona Alcina:** Sandra coisa feia, cala boca Sandra! Meu deus [Risos] Olha uma coisa vou dizer para vocês eu era a nega mais bonita de São José.

**Marcio:** Essa nega incomodava, essa nega era de verdade. O Vô se lembra daquela história do menininho da janela, aquela história lá conta conta que é legal.

**Dona Alcina:** Não..não..não, era parece uma mãe mais a filha, e ela assim , “ ó mãe ó mãe lá vem uma nega” eu tava com o ouvido que era um leque[Risos] eu digo, eu vou passar mais perto vou passar mais perto, quando eu aí por ali tequi tequi mais perto, ela voltou a repetir, “o mãe a nega vai passar aqui” eu fui chegando mais perto me parei pela janela e disse o que que tu dissesse que a nega vai passar aqui? Minha filha a mãe puxou a guria da janela, minha filha tu já viu nega assim assim, mais eu não disse o que era ,não vou dizer pra vocês,[Risos]

**Marcio:** Pra mim a vô falou [Risos] Sandra aqui aqui a vã tá com vergonha[Risos]

**Dona Alcina:** Aí eu disse pra eles eles não sabiam que a minha língua era mais comprida, [Risos] ai a rapariga disse "ó mãe olha a nega” eu disse coisa assim assim da tua mãe não é mais nega[Risos]

**Marcio:** Ela ta com vergonha não quer falar vai bater em mim olha[risos] pra mim ela disse

**Dona Alcina:** Querido não diz nada antes eu era malcriada hoje não, ninguém me dissesse nada por que a lingua crescia, agora hoje se alguém me dizer algum desaforo eu sei dizer, ninguém me diga nada hum porque que a nega é malcriada é.

**Marcio:** Tem que ser, tem que ser tem que largar a língua mesmo.

**Dona Alcina:** Olha que coisa boa meu deus obrigado meu deus, vocês sabem por que estou agradecendo a deus?

**Marcio:** Por que? Me fale?

**Dona Alcina:** Porque o nosso deus me mandou vocês aqui ver esse caco de velha, essa velha que tem 18 anos .[Risos]

**Intervalo**<sup>31</sup>

**Dona Alcina:** [Cantando] Samba de negro não se pode frequentar, só tem a cachaça para gente se embragar, eu fui num samba na casa da Né, no melhor da festa foram todos para o xadrez...

**Marcio:** O baile era a luz de vela, o baile de vocês?

**Dona Alcina:** Era de pomboca! Andavam com aquele pombocão na mão. [Risos]. O dono do baile falava assim: “Dona Alcina, cadê a pomboca?” [Risos]. Olha, vou dizer a vocês, tempo bom que não volta mais.

**Maycon:** O baile ia até de manhã?

<sup>31</sup> A entrevista teve que parar por alguns minutos Dona Alcina tratou de assuntos particulares com um amigo, mediante a situação achamos melhor não incluir na entrevista assuntos que dela não faziam parte.

**Dona Alcina:** Até às cinco horas.

**Marcio:** Até as cinco horas da tarde, né?

**Dona Alcina:** É. Tinha um homem que cantava muito assim: “Quem foi que disse que já ia namorar, ela sabia eu não quero nem casar, fico sentado só olho para ela de um jeito que parece que quer dançar, dança menina, dança que eu vou chegar, nosso baile está formado, eu só quero” - Aí ele parava, e eu: é pra mim? [Risos] Eu gostava muito de cantar, eu gostava.

**Maycon:** Depois que a senhora deixou de ser lavadeira, a senhora teve outra profissão?

**Dona Alcina:** Fui cozinheira, com a barriga no fogão dos outros.

**Márcio:** A senhora começou a ganhar melhor?

**Dona Alcina:** Tudo a mesma peteca quando tinha festa, me chamavam e eu sempre ia para fazer a comida.

**Maycon:** A senhora trabalhava em sua casa fazendo comida?

**Dona Alcina:** Só na casa dos outros, como doméstica; para limpar a casa, a gente ganhava para fazer um feijão, cozinhar uma comida (...), ali onde tinha o Primeiro de Junho, digo, onde tinha o salão. Depois foi indo, foi indo e São José ficou naquilo, não foi nem para frente nem para trás, parou ali e ali ficou. A gente começou no Primeiro de Junho. Mentira. Ali onde é o salão, ali sempre tinha festa e eu ia lá para cozinhar, mas hoje acho que nem tem mais nada ali.

**Márcio:** É na festa do Divino que usavam muito aquele salão da Igreja, né Vó?

**Dona Alcina:** Mas o mas nada, né, meu querido? Como é que eles diziam: “a barriga do fogão doméstico, já vem aí ô”. Mas a gente era cozinheira e fazia, mas nem isso eles fazem mais. O salão a gente sempre ia para fazer almoço, bem que eles pagavam, né? O padre Neri foi, o padre Neri que começou a fazer, o padre Neri chamava a gente para limpar, cozinhar, fazer isso, fazer aquilo, para assar galinha, para ajudar no bolo; depois quando acabou-se tudo lá no salão, em cima tinha café colonial, nós ia para lá fazer café, hoje não tem mais nada acabou-se tudo.

**Márcio:** Agora as pessoas que tem que fazer comida para a senhora. O Adriano vai fazer uma lasanha [Risos]. A senhora tem que fazer exercícios, a senhora está caminhando?

**Dona Alcina:** Eu?

**Márcio:** A senhora tem caminhado?

**Dona Alcina:** De quatro pé ... [Risos].

**Marcio:** De quatro é não! A senhora tem que se exercitar, fazer exercício um pouquinho, a senhora com quinze anos quer ficar sentada o tempo inteiro?

**Dona Alcina:** Estou com doze. [Risos]. Olha, já não enxergo, eu sei que tem um do lado, um do outro, porque vocês estão falando. [Cantando]. Deus fez o mundo foi pro nego vadiar, foi pro nego vadiar. O nego é tão triste que só quer batucar, que só quer batucar. Samba nego, que o branco já vem cá, se vier um pau há de levar. [Risos]. Cantava muito isso. Cantava também assim: Lá vem a mulher que eu gosto...

**Márcio:** São de que época mais ou menos? Quantos anos a senhora tinha na época?

**Dona Alcina:** Ah! E lembro! (...)

**Maycon:** A senhora foi para a escolinha?

**Dona Alcina:** Que?

**Maycon:** A senhora foi para a escola, estudou no Francisco Tolentino?

**Márcio:** Já existia o Francisco Tolentino, naquela época?

**Dona Alcina:** Sim, eu comecei no primeiro na escola da Praia Comprida. A professora que engraçado, eu tinha sete anos quando a minha mãe colocou nós na escola, lá na Praia Comprida, aquela rua que vai pro Sertão, né? Lá tinha uma escola pública, escola da Dona Cecília Rosa; quem dava aula lá era a Cecília Rosa e a Aninha Schnaider, era uma velha bem alta, ruim que era um cão, ali que nós começamos, a minha mãe: “vai abrir uma aula ali para os pobres”, e a minha mãe nos levou, eu e minha irmã.

**Maycon:** A professora era brava ?

**Dona Alcina:** Hum, a Aninha Schnaider pegava na nossa mão e dava com a régua na palma da nossa mão, de régua (...). Depois abriu o grupo Francisco Tolentino, primeiro fizeram a parte da frente, depois fizeram a parte de trás, depois que aumentaram, né?

**Maycon:** Quando aumentaram a senhora estava ali?

**Dona Alcina:** Sim.

**Maycon:** Ficou quanto tempo na escola?

**Dona Alcina:** E agora, eu me lembro? Não me lembro nem o que eu comi. [Risos]. No grupo ali, “Boi baba, boi bebeu” era uma cartilha. Ai, meus, que bom que vocês vieram aqui.

**Márcio:** E o coleginho nos fundos do Bonfim, Vó?

**Dona Alcina:** Lá eu nunca fui.(...)

**Intervalo**<sup>32</sup>

**Maycon:** O que a senhora gostaria que eu escrevesse sobre a senhora?

**Dona Alcina:** Menina bonita, trabalhadeira. É verdade, eu era a nega mais bonita de São José, não tinha outra nega que ficasse na minha frente. Agora, hoje, estou um caquinho velho, fico aqui sentada, às vezes, a lágrima pinga pra chorar, né? Pra ninguém ver, isso tudo dá um desespero.

**Maycon:** A senhora é muito importante, muito importante. Vou falar da senhora!

**Dona Alcina:** Agradeço a Deus por tudo, nunca pedi nada na porta de ninguém, para pedir nada. Agora, hoje, estou uma velha, um caco velho.

**Márcio:** Caco velho não. São centos e poucos anos bem vividos!

**Dona Alcina:** Tô aqui sentada, graças à Deus, que tenho essa filha que me ajuda, se não nem sabia onde tava. Olha, como é triste, como é triste... com quatorze anos comecei a lavar roupa na casa dos outros, daí aprendi a ser cozinheira, a ser lavadeira, tudo isso eu sou, tudo isso eu sou querido; se alguém vir aqui e pedir: Dona Alcina, a senhora tem dez reais? Olha, eu me viro, podem me colocar de cabeça para baixo; se eu tiver, eu dou. Agradeço a meu Deus vivo. O padre Neri não saía lá de casa, às vezes, eu até ficava malcriada com ele, eu ganho um salário mínimo (...).

**Márcio:** Qual é o segredo da senhora para chegar tão longe?

**Dona Alcina:** Olha, vou lhe dizer: não me interessa se são três, se são quatro, se são cinco [Risos – Se referia ao número de pessoas na sala]... Sorria meu bem, sorria! Gosto muito de um pirãozinho...

**Márcio:** Pirão de água ou de feijão?

**Dona Alcina:** Pirão de feijão eu gosto, mas um pirão de água com um peixinho ensopado ou um peixinho frito, meu filho... Essas mãos também podem cozinhar, hoje elas não cozinham, não fazem mais nada, só se for jogar a frigideira na cara dos patrão. Vou dizer uma coisa: a coisa que eu mais gosto é de um pirãozinho d'água, às vezes me contam assim, tem tanta gente que reclama, gente nova, que reclama de dor no braço, que tem dor aqui, que tem dor na bunda, mas graças a Deus, pergunta para essa, que se eu reclamo, é lá uma vez ou outra que a minha cabeça dói.

**Maycon:** Conheceu bem o padre, né? A senhora chegou a fazer catequese?

**Dona Alcina:** Não!

**Maycon:** Não

**Dona Alcina:** Mas eu sei rezar [Risos].

**Maycon:** Dona Alcina, Dona Alcina...

**Dona Alcina:** Hã!

**Maycon:** Eu estava na pracinha, vendo a cadeia, como funcionava a cadeia ali da pracinha. A senhora morou ali perto, né?

---

<sup>32</sup> Novamente tivemos que parar a entrevista para que Dona Alcina e sua filha tratassem de assuntos particulares.

**Dona Alcina:** Bem ali perto, quase dentro da cadeia [Risos], ali perto (...).

**Maycon:** Tinham muitos presos?

**Dona Alcina:** Quase não tinha. Era quatro salão, às vezes, tinha dois de um lado, tinha dois de outro, tinha três, tinha quatro; tinha uma negona que cozinhava, a cozinha era ali na parte de trás, os presos andavam soltos, cozinhavam tudo.

**Maycon:** Andavam soltos todos?

**Dona Alcina:** Andavam, haviam uns presos que viviam soltos, uma negona e um negão. Ali na parte de trás, ali era uma cozinha - o Quinca, o Quinca.

**Maycon:** Tinha bastante negros presos ?

**Dona Alcina:** Presos.

**Maycon:** É, presos?

**Dona Alcina:** Não. Não tinha muito não, querido; tinha. não tinha, mas não tinha muito não.

**Maycon:** Mas tinha mais negros do que brancos presos?

**Dona Alcina:** É, presos sem vergonha, presos sem vergonha, vocês sabiam o que eles faziam? Eles tiravam o assoalho. Fala que eles estavam presos ali no cubículo deles, que eles estavam presos ali dentro, por ali eles iam, iam, iam, parece que eles sabiam certinho aonde tinha o rolo; lá na praia, tinha aquele buraco onde saía naquele bueiro, dali eles se mandavam. Eu me lembro tão bem que um dia, dois ou um preso estava na porta, que a polícia que ia levar não sei pra onde, pra cidade, eu ia passando bem na frente da cadeia. Em pé, na porta, a polícia saiu para atender quem o chamou, o preso saiu, não sei como, não sei como não me derrubou? Foi-se embora. Eu disse: corre, corre mesmo! Passou aqui disparado parece um vento.

**Márcio:** Antigamente a gente não tinha remédio para doencinha, na minha rua tinha, havia, não me lembro, há... Dona Custódia?

**Dona Alcina:** Quem?

**Márcio:** Custódia.

**Dona Alcina:** Há?!

**Márcio:** A senhora se lembra?

**Dona Alcina:** Lembro.

**Márcio:** Quando a gente tinha uma dor de dente, ela fazia umas benzeduras, umas rezas.

**Dona Alcina:** Quando estavam com dor de cabeça, ela colocava um paninho molhado na cabeça e ela benzia; e quando era dor de dente, ela também benzia, mas a benzedura dela eu não sei não viu.

**Márcio:** Eu só perguntei porque eu pensei que a senhora sabia de alguma reza, né?

**Dona Alcina:** Não, não tem não; Ó, olha meu Deus de céu, se vocês quiserem me levar para São José, eu vou! [Risos].

**Márcio:** Que bom que a senhora está com saúde, né? Com esse negócio de pandemia louca, a gente fica tão preocupado com tudo, né?

**Dona Alcina:** Mas eu não, graças a Deus, graças a Deus (...).

**Maycon:** A senhora conheceu algum centro espírita?

**Dona Alcina:** Há?!

**Maycon:** Centro espírita de umbanda. Falam muito como centro de macumba, a senhora chegou a conhecer algum?

**Márcio:** Tinha algum centro ali na região ?

**Maycon:** Não tinha nada de centro espírita?

**Dona Alcina:** Eu não me lembro assim não. Não me lembro de pai de santo não, mas eu não me lembro mesmo...

**Maycon:** E o da Malvina? Da Malvina, né?

**Dona Alcina:** É lá para o Estreito.

**Márcio:** A senhora conheceu, sabe que tinha a Malvina, a Cristina?

**Maycon:** A senhora conheceu a Malvina?

**Dona Alcina:** Aroé, meu Santo Antônio. (...) Eu ia muito lá, querido.

**Maycon:** Ah! A senhora conheceu a Dona Malvina.

**Dona Alcina:** - Alcina, Alcina vamos lá na Dona Malvina? - Vou, eu digo, vamos? - Tu vais, não tem medo? - Eu digo: não, eu vou mesmo. Ficava lá vendo eles dançar e cantar, até no fim eu cantava também.

**Márcio:** Tudo é benção.

**Dona Alcina:** Querido eu não sou criança, vocês sabem que idade eu tenho? dezoito anos.[Risos].

**Maycon:** A senhora ia na festa de preto velho?

**Márcio:** As festanças que tem nos Centros.

**Dona Alcina:** [Dona Alcina se curva e imita alguns gestos como os feitos nos centros de Umbanda, em referência ao preto velho]: Ôje meu filho, o que veio fazer aqui hoje? Veio se consultar com nega velha? Saravá, mo si filho, saravá! [Risos]. Um dia eu... Olha eu fui metida mesmo, agora não. Quando eu era nova né, fulano: "Alcina, vamos ali em tal lugar, tem festa". - Eu: Aonde, na Malvina? - Arrumava uma carona, não sei com quem e ia. Arauê, meu Santo Antônio [Risos]. Querido, eu sou igual a um cachorro, aonde tem um osso eu ia. Agora, hoje não, mas se eu for, eu ainda sei arrastar o pé, saravá, meu filho, saravá [Risos].

**Dona Alcina:** [Cantando] Eram uns meninos que vieram me visitar, meu coração fica triste quando meus amigos vão embora... Que coisa boa, meu Deus! Vocês querem me levar para São José? Eu vou cantando até com vocês [Risos]. Vocês não querem me levar? [Risos]. [Cantando] Não quero mais saber deles que vão me deixar em casa, eu fico aqui, meu amor, não vão embora, volta meu bem, não volta, acham que vão me deixar, se quiser cantar comigo, me dê aquele beijo e diz que vai voltar. Queridos, vou dizer para vocês, hoje eu tô velha, tô com cento e ... [Risos].

**Márcio:** A senhora tem dezoito anos e está se confundindo.

**Dona Alcina:** [Cantando] Samba de nego ninguém pode frequentar, só tem cachaça para gente se embriagar, eu fui num baile na casa da Nê, no melhor da festa foram todos pro xadrez. [Risos].

**Márcio:** No melhor da festa!

**Dona Alcina:** É o melhor da Festa...

**Maycon:** Posso vir aqui um outro dia com você?

**Márcio:** Oi, vó o teu outro neto, o neto Maycon, já está querendo voltar aqui de novo. Esse aqui óh, óh! Eu estou aqui. Tá querendo voltar aqui outro dia, já estou começando a ficar com ciúme, não, não, não.

**Sandra:** Quando o Marcinho não puder vir, vocês podem vir.

**Dona Alcina:** [Cantando] Não sei, meu bem porque você ficou assim, vem cá, meu ciumento, que vou te beijar; o carinho que dei, eu volto a de dar, que maravilha que tu és, vem cá, vou te dar um abraço, canta meu bem, não canta canta, não vou cantar (...). Vem cá, meu amor, vem cá!

[Nos despedimos. Dona Alcina abraça todos que estavam na sala].

**Márcio:** Vózinha, nós vamos porque já está noite e as nossas namoradas iriam ficar com ciúmes da senhora. Já falei com o Adriano, a senhora vai ter uma agenda; e a Sandra vai ficar aqui na porta marcando, "Ah! Quem vem? Ah, quem vem hoje é o pai do André"...

**Maycon:** Dona Alcina, a senhora me autoriza a divulgar e a usar essa gravação?

**Dona Alcina:** Que gravação?

**Maycon:** Essa que eu fiz com a senhora.

**Dona Alcina:** Ah, meu querido, vem cá e me dá um abraço. Me dá um abraço, aquele beijo nunca mais vai se acabar.

## APÊNDICE B – ENTREVISTA 2

### Entrevista com Sandra Mara da Conceição Anacleto<sup>33</sup>

**Maycon:** Sandra, sou o Maycon, estudante de história da UFSC. Você autoriza fazer algumas perguntas?<sup>34</sup>

**Sandra:** Autorizo.

**Maycon:** Sandra, é a filha de Dona Alcina, filha caçula... Sandra, quantos irmãos tens? E como foi sua infância?

**Sandra:** Eu tive cinco irmãos, seis comigo. Estudei. Ela [se referindo a Alcina, sua mãe]<sup>35</sup> não deixou faltar nada. Como eu era a caçula, sempre tive tudo do bom e do melhor. A minha irmã teve um ciúme; tudo que pegava era para mim, porque eu era a mais nova; ela já me teve em temporão, era quarentão, né? Mas foi boa, graças a Deus! Estudei. Não estudei mais porque não quis. Ela queria que eu fizesse, eu não quis, sai... mas eu tinha de tudo, não faltava comida. Tudo que eu tinha vontade de comer ela me dava, as modas que vinha ela me dava. Ela lavava roupas e eu ajudava ela a estender as roupas, passar as roupas com ela. Hoje eu sou o que sou por causa dela, graças a ela na cozinha, no serviço.

**Maycon:** Qual sua profissão?

**Márcia:** Eu sou doceria, eu faço – fazia, né? Agora eles não querem pagar mais o preço que a gente pede, né? Faço docinho, faço salgadinho.

**Maycon:** Chegou a lavar roupas?

**Sandra:** Lavei. Não na Carioca, lavei em casa, quando tinha meus filhos; para criar meus filhos lavava roupas.

**Maycon:** Trabalhou de empregada também?

**Sandra:** Trabalhei de empregada doméstica, trabalhei lavando roupas, trabalhei de auxiliar de serviços gerais, só o último serviço agora eu trabalhei oito anos, pela Liderança, no fórum de Palhoça. Dai depois me colocaram pra rua e, em seguida, veio a pandemia e daí não ganhava mais nada.

**Maycon:** A Dona Alcina trabalhou até quantos anos? Que você se lembra da sua mãe...

**Sandra:** Até a época das lavação dela eu me lembro. Depois ela largou a lavação, e foi trabalhando assim em casa. Ajudava as pessoas e fazer salgados; a hora que era para fazer salgados, em São José, ela ajudava.

**Maycon:** Mas você se lembra dela na Bica da Carioca?

**Sandra:** Me lembro! Eu ia lá lavar roupas com ela.

**Maycon:** AH! Você chegou a trabalhar na Bica ?

**Sandra:** Não que eu trabalhei, ela escolhia as minha roupas, ela separava, ela me dava um sabão, ai eu ficava de joelhos - que tinha lavador em pé e lavador de joelhos - em pé eu não alcançava e daí eu ficava lá, de joelhos e ela ficava em cima para eu não cair dentro da fonte. Eu esfregava, mas uma vez eu desmaiei e caí dentro da fonte.

**Maycon:** Mas você já chegou a passar alguma necessidade?

**Sandra:** AH! Bastante... saía com fome e chegava com fome, continuava.

**Maycon:** Você estudou até que ano?

**Sandra:** Fiz o ginásio todo. Eu ia pra escola pra comer a merendinha lá; agora a comida é boa e eles

<sup>33</sup> A entrevista foi realizada no dia 27 de novembro de 2021, na casa da entrevistada, na cidade da Palhoça. Sandra Anacleto é filha e atual responsável legal por Alcina Júlia da Conceição (Dona Alcina).

<sup>34</sup> A realização desta entrevista foi conduzida com base nos preceitos éticos da metodologia da história oral. A entrevistada foi orientada sobre o procedimento e assinou o termo de autorização.

<sup>35</sup> Na transcrição da entrevista buscou-se manter os registros características da oralidade. Em colchetes, foram destacadas entonações ou ações necessárias para compreender a fala.



reclamam que não quer. Agora é prato com macarrão, antigamente era aquele leitinho, aquele “Toddyinho”; Toddy entre aspas, aquilo tinha mais gosto de água do que de Toddy. Aí era só as coisinhas assim, daí a gente ia para comer aquilo e tinha que esperar até a hora do recreio. Mas quando ela podia dar, eu lembro à noite - hoje eu gosto de pirão com linguiça, pirão d'água com linguiça ensopada - era o que ela podia fazer para nós à noite, pegava um dinheirinho adiantado das mulher que lavavam pra comprar uma linguicinha, uma farinha, pra fazer pra nós comer, mas passamos sim.

**Maycon:** Mas, hoje em dia, como está a Dona Alcina?

**Dona Alcina:** [Entra na conversa] Querido, graças a Deus estou bem, a língua comprida deste tamanho... Graças a Deus, estou bem (...)

**Sandra:** Hoje ela está bem, graças a Deus! Às vezes pego ela chorando, porque, também, tem época que não tenho nenhum centavo. Lá em São José, querendo ou não, sempre alguém levava um trocadinho pra ela, mas aqui não aparece ninguém, ninguém liga para ela. Meus irmãos só ligam, eu disse não adianta, cara, tem que vir aqui visitar. Não adianta ligar todo dia, né? Vem aqui, convidar meu irmão mais velho, passa um dia lá, vai lá ver alguma coisa, inventa alguma coisa, inventa alguma coisa para almoçar, aparece a minha irmã; tem um dia em que levou num sábado e entregou num domingo, depois do almoço já estava aqui de volta – coitada! - ainda mandou doente, porque alguma coisa que ela comeu fez mal, veio vomitando e eu que tive que fazer chá, querendo ou não ela tem sentimentos, ela não tem só eu de filha, entendeu? Ela não tem só eu de filha, esses dias ela estava chorando, me abraçando dizendo que ela prefere passar fome comigo, mas que eu não saia do lado dela, querendo que eu me levanto de manhã, faça o cafézinho, dê banho nela, troco fralda nela toda hora, só que pra mim fica pesado, né Maycon?

**Maycon:** É só um salário mínimo que ela recebe ?

**Sandra:** É, ela ganha só um salário mínimo: mil e cem reais. É pesado. Eu não trabalho, tenho as minhas dívidas aqui para pagar também. Ó! Estou com o meu condomínio atrasado, entendeu? Porque não é fácil. O meu irmão e minha irmã me dão... o meu irmão me dá cento e sessenta reais por mês, porque aos finais de semana que ele teria que ficar com ela - O que você faz com cento e sessenta reais? Se eu fico com ela o ano inteiro, me dá cento e sessenta reais; minha irmã me dá duzentos reais só. Tu achas que duzentos reais para ficar com uma pessoa idosa é muito dinheiro? Para um mês inteiro? Não é, né? É eu que pago a luz. É eu que pago tudo, né cara?

**Maycon:** Dos teus irmãos, quantos ainda estão vivos?

**Sandra:** Mais dois irmãos vivos, o César e a Nena, entendeu? Éramos em seis, três mortos. Os netos não procuram ela, só os daqui, né?

**Maycon:** Eram seis?

**Sandra:** É, nós éramos em seis irmãos.

**Maycon:** Agora tem tu e mais?

**Sandra:** Nós éramos em seis comigo. E tem três mortos e três vivos, que é o meu irmão a Nena e eu. São três vivos agora, eu, irmão mais velho, meu irmão mais velho não sei como ele anda hem...

**Maycon:** Sandra, mal lhe pergunte, quantos anos você tem?

**Sandra:** Eu fiz sessenta anos agora.

**Maycon:** Nem parece, tá conservada!

**Sandra:** Fiz 60 anos agora, semana passada, sexta-feira passada. E meu irmão mais velho... não sei se vai durar muito não. Meu irmão mais velho se parece mais velho do que ela [aponta para Alcina], não sei se vai durar muito não. Ela só toma dois comprimidos pela manhã e um à noite. O meu irmão é de caixa; meu irmão tem um problema sério, daí eu digo que é complicado, né?

**Maycon:** O que você pensa sobre o futuro? Vê alguma solução para isso, alguma saída?

**Sandra:** Não tem saída, porque no fim eu tenho pena dela. Aí, agora estou arrumando as papeladas;

agora vamos esperar para o ano que vem, né? se a pandemia não voltar, porque já tá lá pra fora, já está voltando. Eu quero ver se eu recebo o que eu tenho direito. Sou deficiente, é um salário, mas ajudada, né? É o BPC. Aí eu estive lá no CRAS, aí me disseram que tenho que arrumar um advogado. Mas como vou arrumar um advogado? Já estou correndo atrás do dinheiro, vou arrumar advogado aonde?

**Maycon:** Sandra, você se lembra de quando era pequena, de ver alguma cena de preconceito com sua mãe?

**Sandra:** Com ela eu nunca vi não. Nunca reparei, mas na escola eu tinha preconceito com os alunos; me chamavam de nega do cabelo duro...

**Maycon:** Eu também!

**Sandra:** É! Entendeu? Na escola tinha uma que morava na Praia Comprida, uma tal de Lúcia - acho até que era meio machorra - aquela guria, aquela eu tinha... eu sofria bastante com ela; me batia, me chamava de nega, aí meu cabelo era comprido e me puxava pelo rabo de cavalo, entendeu?

**Dona Alcina:** Eu tenho uma raiva quando me chamavam de nega do cabelo duro.

**Sandra:** A gente sofre até hoje né, Maycon? Eu sofri preconceito por conta da minha deficiência. Uma vez eu estava num baile e o cara veio me tirar pra dançar, daí eu fui. Quando ele viu que eu era deficiente, ele disse: “não, eu não danço com capenga”; até um amigo meu quis comer ele de soco.